

ASSIGNATURAS
 ANNO. 20\$000
 SEMESTRE. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-PEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Passou com enorme maioria, visivelmente constrangida, o projecto de reorganização do Banco da Republica; passou a nuque com suprema violencia ás conspurcadas entranhas da Camara e ás consciencias subordinadas ao jugo da inexoravel disciplina partidaria, que se tornou o nervo essencial do governo da Republica. Quem não se submeter a elle; quem não abdicar do direito de pensar, de deliberar pelo proprio criterio, deve procurar outro officio, outro meio de vida, abandonar o gostoso *far niente* e cavar os meios de subsistencia fóra dos dominios da politica. Quem fôr refractario a essa dissolvente obediencia passiva, está incompatibilizado para dirigir os altos destinos da nação, está desclassificado, especialmente, para a sublime função de legislador.

Com honrosas excepções, um deputado deve ser um automato, uma figura de João Minhóca, dirigido por uns cordeis que já se não disfarçam dos olhares da galeria, cordeis maravilhosos dirigidos pelos governadores. Póde-se dizer que, de facto, não ha mais deputados, ha bancadas, manadas attentas ao menor gesto do pastor delegado para amanhala, pastor que é o governo na pessoa do seu *leader*.

A politica dos governadores manifestou a sua incomparavel pujança na discussão desse projecto; provou que de amante do sr. Campos Salles, passou a ser a favorita do sr. Rodrigues Alves e receberá o lenço do sr. Affonso Penna, si s. ex. não encontrar quem lhe rôa a corda. Ella continuará como concubina detestavel, parallela á esposa legitima que é a Republica, esterilizada como Sahara; continuará a parir monstrenhos, filhos tarados, até que a Providencia se compadeça do Brazil e restaure a nossa organização democratica conforme o plano da Constituição e os idéaes victoriosos na revolução de 15 de novembro.

Na discussão desse projecto monstruoso, embóra lhe reconheçamos vestigios das boas intenções do governo, muito empenhado em se glorificar com o milagre de restaurar um organismo condemnado pela experiencia, pelos factos, um organismo refractario aos mais ingentes esforços da therapeutica financeira, exgotando toda a sorte de especificos heroicos, adoptou-se o systema de asphyxiar a opposição pelo silencio, apparecendo, sómente para salvar as apparencias, alguns paladinos obrigatorios, que deram o sen recado sem éstro, sem entusiasmo, sem convicção, denunciando o enorme esforço, o cruel sacrificio que lhes custava essa derradeira prova de dedicação a um governo moribundo. Até o sr. David Campista, tão senhor da tribuna, em outras occasiões memoraveis, tão á vontade quando encantava a Camara, com os seus folhetius, proferidos com inexcusable graça, com uma elegancia que tanto destaque deu á sua sympathica figura, estava mal feito de corpo, pobre de argumentos; as suas palavras não tinham o tom insinuante das melodias sentidas; dir-se-iam notas da musica de um realejo com cylindro fabricado nas altas regiões da omnipotencia; sob modulações de alegria, ellas traíam os gemidos provocados pelas contusões dos cutilantes discursos do sr. Barbosa Lima. O nobre representante de Minas patrocinava uma causa pessima, os seus esforços de homem disciplinado se esboroavam espatifados contra a evidencia, contra os factos ineluctaveis.

Mas a nota original dessa discussão foi o discurso do sr. Felisbello Freire, que dissecou, com a sua pericia de homem habituado ao trato de alfarrabios, as entranhas apodrecidas do Banco da Republica durante quasi um seculo de desastres, de concertos improficuos, feitos com milhares de contos despendidos em pura perda. S. ex. provou que aquelle Banco não tinha

cura, demonstrou com a segurança de um erudito, de um homem de talento versado no manejo das finanças nacionaes, que os sacrificios do Thezouro não tinham feito mais do que acoroçoar a fraude e que alli dentro, na contextura essencial daquelle organismo, havia um eterno cupim inextinguivel, um fóco do virus da fraude, contaminando-o, numa proliferação fatal. S. ex. affirmou que todas as imputações feitas ás administrações do Banco eram pallidos reflexos da verdade, ainda quasi absolutamente ignorada na sua formidavel extensão; mas, apesar disso, apesar da convicção de males chronicos incuraveis daquelle instituto de credito, s. ex. votava a favor do projecto de reorganização para evitar consequencias ainda mais desastrosas.

A nossa aponcada intelligencia não pôde apprehender a justificação dessa conclusão, em conflicto flagrante com as primicias brillantemente estabelecidas, a menos que a logica se não tenha transformado num instrumento do absurdo.

Desconfiamos que o sr. Felisbello Freire fez esse sacrificio em holocausto ao credito do paiz; mas o credito nacional estaria pessimamente patrocinado si elle dependesse daquelle Banco, cuja historia s. ex. delineou com mão de mestre, com as côres mais sinistras da sua palheta de professional emerito. As revelações de s. ex., aliás bem claras em paginas esquecidas da nossa historia, fôram um golpe mortal, por isso mesmo que fôram veladas com o receio de defrontar a mudez crúa da verdade, e toda a gente, dentro e fóra do paiz, ficou sabendo que aquellas imputações medonhas não eram producto de opposição intolerante, não eram creações da phantasia de obstructores impenitentes, mas um reclamo energico com apoio na dura consistencia de factos demasiado evidentes. S. ex. esphacellou o cadaver para que fôsse mais notavel o milagre da reparação comprehendida pelo Go-

verno em competencia com a resurreição de Lazaro.

Em tudo isso transparece o imperio despotico dessa conveniencia injustificavel, sem fundamento na razão, na natureza das coisas, predominando como mola real de todos os actos do Governo, como fonte de todo o impulso da administração. No caso occorrente, era de suprema conveniencia não perturbar o plano do governo, não o privar dos recursos extra-legaes ou extra-orçamentarios, de que o Banco foi sempre um instrumento docil e efficaz, e, sobretudo, não o desarmar dessa função de regulador de cambio, como si os phenomenos economicos obedecessem aos caprichos das organizações de fannaria, como si elles não fôsem regulados por leis superiores ás combinações da chimica da especulação, leis cuja applicação não se submette á bitola dos interesses occasionaes da politica, nem se torcem á vontade como moldes de cêra.

Essa illusão de encabrestar regimen cambial passou á ordem das coisas ridiculas, das coisas que se não pôdem mais discutir seriamente. Não lhe contestamos, todavia, o prestigio de se ter encravado na cachola de homens competentes, amarrados ao prestigio de um certo numero de idéas preconcebidas, que, á força de serem repetidas, adoptadas sem exame como producto de uma sabedoria tradicional, se crystallizaram em dogma, acatado pelos estadistas de bôa fé, ou que perderam o habito de preparar a sua cosinha intellectual, digerindo deliciosamente pratinhos feitos, acepipes deliciosos encontrados temperados, promptos para serem tragados.

Os factos, em futuro talvez muito proximo, demonstrarão, com a eloquencia de desastres, que seria melhor deixar aos factos o curso natural, conforme o pendor das circumstancias, do que intervir com a pretensão de operar um milagre impossivel.

O Senado diga *amen* ao mirifico projecto, e Deus lhe ponha virtude, esconjurando definitivamente a velha caveira de burro.

* *

O Governo manifesta o maior empenho em promover o povoamento do nosso immenso territorio, que o ministro da Viação está conquistando

com o vigoroso impulso dado ao desenvolvimento da nossa rêde de estradas de ferro. Na semana passada, fomos prendados com a inauguração de duas estações no interior.

O illustre ministro está demonstrando, com uma iniciativa proficua, que é mais facil andar para deante do que ficar reduzido á posição de marco milliarario; que tanto trabalho, tanta fadiga occasiona avançar como recuar e, na contingencia da escolha, a marcha segura é um movimento de conquista. Cada uma daquellas inaugurações é um passo para a frente.

Mas as estradas de ferro, resolvendo parte essencial do problema; não satisfazem completamente a maior, a mais urgente, a mais inadiavel necessidade nacional concretizada nessa questão do povoamento. Os mais convictos esforços encontram um obstaculo formidavel, nos governos dos Estados, que, exclusivamente occupados com a politicagem, não teem tempo a perder com essas ninharias da economia nacional.

Nós temos feito tudo quanto é humanamente possivel para desviar do territorio brasileiro a immigração espontanea; será necessario, agóra, immenso trabalho para recuperarmos a nossa reputação de paiz hospitaleiro, de paiz rico, offerecendo ao trabalho remuneração copiosa, de paiz em que o estrangeiro conte com os elementos de ordem, de segurança, de garantias individuaes, sobre que — direi uma novidade? — assenta a prosperidade dos povos.

Como indicação edificante do estado a que chegámos em materia de immigração, basta fixar o olhar no espectáculo repugnante daquella cambada de syrios nojentos, aboletados nos quartos baixos da repartição central da policia. Aquelle lixo humano é um carregamento immundo da industria da mendicidade, cujos productos nós estamos importando sem correctivo.

Si, no interior, nada fizemos para promover a immigração, no estrangeiro abandonámos inteiramente esse importante serviço, entregue á ignorancia do que nós somos, do que nós valemos.

Estamos reduzidos, na opinião exterior, a um paiz semi-barbaro, sem justiça, sem policia, dividido entre meia duzia de grãos-duques despoticos.

E', talvez, por isso, por essa falsa idéa do nosso valor como nação culta, que um commandante de navio de guerra estrangeiro desrespeita, sem escrúpulos, o territorial nacional, caso que se não faria impunemente em qualquer recanto da costa d'Africa.

Para isso vamos andando, em caravana infeliz, guiada por homens da estatura intellectual do alcandorado estadista Accioly e outros incumbidos do abastardamento e da barbarisação completa da Republica.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Si não é verdade terem os povos ibericos passado doze ou quinze ou vinte seculos em guerras continuadas, como approuve ao auctor da *America Latina* phantaziar, para sobre elles edificar a theoria do *parasitismo*; si não é exacto que tivessem sido os unicos povos christãos da Europa que, depois de constituidos, soffreram a conquista de estranhos; si não é certo que tenham corrido atraz dos arabes para irem com elles parazitar no Oriente, ainda mais errada é a opinião de que houvessem sido méros *depredadores* em o Novo-Mundo.

A colonisação dos povos ibericos na America foi singularmente branda, si a houvermos de comparar com todas as conquistas e colonisações conhecidas na Historia, desde que o mundo é mundo.

Si o auctor da *America Latina* quizesse estudar o que fôram as conquististas de egypcios, assyrios, babilonios, persas, phenicios, carthaginezes, gregos e romanos, em que se destruíam cidades ás centenas; se transportavam de umas para outras regiões populações inteiras postas a ferros; se passavam a fio de espadas homens, velhos, mulheres e creanças; se punha a sacco até os templos e se reduziam a cruel escravidão os que escapavam a tantas miserias e oppressões, chegaria a moderar o seu juizo no que ouza dizer das malvadezas e depredações de que o Novo-Mundo foi victima.

Ninguem contesta as vantagens que á Gallia, á Iberia, á Grecia, á Asia, ao Egypto, á Africa, minados pela anarchia, a desordem, a corrupção, advieram com a conquista romana.

O progresso geral do mundo teve a lucrar com a reducção desses paizes ás condições de provincias da Republica e do Imperio.

Os historiadores de melhor nota são unanimes em proclamal-o.

A disciplina, a organização, o senso juridico que esses terriveis conquistadores acabavam por imprimir ás terras e ás gentes submettidas ao seu durissimo jugo, valiam sempre mais do que a anniquillante anarchia que andava a consumir a civilisação antiga.

E, todavia, as crueldades e depredações dos romanos em suas conquistas, comparadas aos dos povos da península iberica na America, são como acções de demonios deante de folguedos de rapazes alegres.

E convém não esquecer que os romanos não colonizaram jámais terras selvagens e incultas, como as do Novo Continente; estabeleceram-se entre nações cultas, policiadas, opulentas, caídas apenas numa tal ou qual desordem, como o Egypto, a Grecia, a Asia Anterior, a Macedonia, Carthago, a Sicilia, a Grande Grecia, o Epiro.

A propria Hespanha e a Gallia, que representavam por incultas, não mereciam semelliante qualificativo, pois eram sédes de civilisações promissora-mente iniciadas.

Nada disto obstou a ferocidade romana, ainda assim credora do reconhecimento dos pósteros.

E' que se devem aceitar os homens como elles são, com seus defeitos e vicios.

Não era possivel que portuguezes e hespanhões entre selvagens da America e d'África, fôsem mais humanos do que os contemporaneos de Cicero na culta Asia e na veneranda Grecia.

Ali, sim, é que a *depredação* assumiu proporções verdadeiramente assustadoras. E' um furioso *sabbat* de bandidos esfaimados. E' phantasticamente assombroso de ganancia e malvadez.

O proceder dos romanos, nas colonias, nas conquistas, nas provincias, excede a quanto se poderia imaginar no genero protervia e rapacidade. São tantos os factos que impossivel se torna enumeral-os aqui. Todas as guerras da Republica e do Imperio, a historia de todas as nações que lhe fôram sujeitas, estão cheias dos mais atrozés feitos de crneldades, concussões e latrocinios. Bastante é recordar aqui o testemunho dos maiores amigos de Roma.

« Onde estão, bradava Cicero, as riquezas das nações reduzidas hoje á indigencia? Podeis perguntal-o, quando vêdes Athenas, Pergamo, Cyzico, Mileto, Chios, Samos, Asia inteira, a Achaia, a Grecia, a Sicilia, encerradas em um pequeno numero de casas de recreio. »

São palavras de *Pro Lege Manilia*. Na segunda *Verrina*, exclama :

« Todas as provincias gemem, todos

os povos livres se queixam, todos os reinos bradam contro nossas vexações. »

Tal era o estado geral dos povos sujeitos ou relacionados, por qualquer titulo, com os romanos. Nas provincias propriamente ditas, as depredações eram quasi egnaes ás de Verres na Sicilia, que, sendo visitada pelo grande orador após a pretura do famoso scelerado, lhe parecia *um desses paizes desolados pelas rapinagens duma guerra longa e implacavel*.

As corrupções dos juizes vinham em auxilio das rapinas e dos crimes dos proconsules e presidentes. Sem industrias, sem commercio, sem lavoura, que tinha morrido desde o terceiro ou quarto seculo da fundação da cidade, os romanos dos ultimos tempos da Republica e do Imperio viveram exclusivamente do saque das populações conquistadas. As rapinas eram colossaes, e, de antemão, as roubalheiras dos funcionarios haviam de chegar para denegrir a consciencia e cerrar os labios dos juizes que, por inveja, tentassem murmurar. Disso dá testemunho o mesmo Cicero nestas terriveis palavras :

« Eu penso que as nações estrangeiras enviarão deputados do povo romano para pedir a revogação da lei e dos tribunaes contra os concussionarios. Essas nações teem notado que, si esses julgamentos não existissem, cada magistrado não tiraria das provincias sinão o que lhe parecesse sufficiente para si proprio, ao passo que hoje cada um delles subtráe tudo o que precisa para si e para seus protectores e advogados, para o pretor e para os juizes, e por isso malversações não teem mais limites. »

Existem, no assumpto, paginas verdadeiramente assombrosas em Plutarcho. Si Cicero chamava os proconsules de *abutres*, o escriptor grego comparava-os, a elles e aos publicanos, ás *harpias*. Falando da Asia sob o governo de Lucullo, dizia o distincto philosopho : « Devastada, reduzida á servidão pelos publicanos e pelos usurarios, seus melhores habitantes estavam reduzidos a vender seus mais bellos jovens e suas filhas, virgens e as cidades — seus objectos de culto, seus quadros, as estatuas dos deuses; e, no fim de tantas vexações, os cidadãos eram adjudicados, como escravos, a seus credores. O que soffriam, antes de cair em escravidão, era mais cruel ainda : torturas, prisões, cavaletes, exposições aos rigores do tempo, queimados no verão pelos ardores do sol e mettidos na lama ou no gelo durante o inverno. Dest'arte, a escravidão era para elles um allivio e um repouso. »

Eis um traço da tomada e do saque de Athenas por Sylla, no grande escriptor : « Sylla entrou em Athenas a

meia noite, aos gritos furiosos do exercito, a quem elle tinha dado licença para pillar e degolar. A carnificina foi horrivel : sem contar os que fôram mortos nos ontros quarteirões, o sangue derramado na praça regorgitou pelas portas e correu pelos arrabaldes. »

O sangue foi homerico ; a soldadesca não deixou nada aos vencidos.

Coisas assim atrozés, contam-se ás duzias e centenas na *Vida dos Homens Illustres*. A mór parte dellas deixam em apagada postura as proezas dos hespanhões e portuguezes.

Mas deixem-se os Ciceros e Plutarchos e ouçam-se os escriptores christãos, mais doces e complacentes.

Falando dos romanos, pondera Bossuet, grande admirador do povo rei : « A ambição não deixava a justiça pezar em seus conselhos. Suas injustiças eram tanto mais perigosas quão melhor sabiam disfarçal-as com o especioso pretexto da equidade e pôr no jugo, insensivelmente, reis e povos, sob a capa de os proteger. Eram, além disso, crueis para com os que lhes resistiam. Para espalhar o terror, affectavam deixar nas cidades tomadas, terriveis espectaculos de crneldade, e parecer implacaveis a quem esperava a força, sem poupar os reis, que, deshumanamente, faziam morrer, depois de tel-os levado em triumpho, carregados de ferros e levados em carros como escravos. »

E porque a pillagem, a pirataria, a depredação, desde o começo, foi sempre o movel principal de suas guerras e conquistas, o proprio Montesquieu não se dedignou de ponderar : « Como se julgava da gloria dum general pela quantidade de ouro e prata que levava em seu triumpho, nada deixava elle do inimigo vencido. »

As guerras civis que ensanguentaram a agoniada Republica, na phrase dum historiador, mostraram os romanos em toda a sua ferocidade : nas relações com os demais povos, despiram-se de toda fé e de toda lei.

Davam-se até ao luxo de apoderarem-se dos reinos por decreto.

Sobre isto reflectonava o admiravel auctor do *Espirito das Leis* : « Senhores do Universo, os romanos arrogaram-se o direito a todos os thezouros : roubadores, menos injustos como conquistadores do que como legisladores. Teendo sabido que Ptolomeu, rei de Chipre, tinha immensas riquezas, fizeram uma lei pela qual se constituiram herdeiros de um homem vivo e confiscaram um principe alliado. »

Topicos são estes isolados, aptos, porém, a revelarem a rapacidade e a crueza do famoso povo rei :

Mais explicito é o grande Herder, que recapitula, em poucas palavras, toda a historia das depredações roma-

nas, e pergunta: «Que produziram as guerras mortíferas com os povos italianos? A pilhagem e a devastação. Não conto os homens mortos dos dois lados; a ruína de nações inteiras, como as dos etruscos e dos samnitas, a destruição das cidades, a perda de sua independência, fôram a maior das desgraças que se tem feito sentir até os derradeiros tempos. No meio de seus círculos mathematicos, foi morto o grande e sabio Archimedes e como admirar que os seus compatriotas ignorassem onde reponzavam suas cinzas, si sua pátria desceu com elle ao tumulto? — Incrível é o damno causado pelo dominio de Roma, neste canto do mundo, ás sciencias e artes, á cultura do sólo e ao desenvolvimento do pensamento humano... Submettida a Italia, a longa lucta com os carthaginezes começou por um modo que deve fazer corar o mais fervoroso partidario dos romanos. Os soccorros dados aos mamertinos, a tomada da Sicilia e da Corsega, exactamente na epocha em que a tremenda revolta dos *mercenarios* punha Carthago no ultimo apuro, a deliberação de graves senadores, — *si una Carthago devia ainda ser conservada na terra*, — como si se tratasse duma arvore por elles plantada, tudo isto e mil traços mais deste genero fazem, a despeito da perseverança e da coragem dos romanos, de sua historia uma historia de demonios... Para qualquer parte que mova os olhos, deixando Carthago, só vejo destruições e ruínas, porque por toda parte esses conquistadores do mundo deixam os mesmos signaes.

Si os romanos tivessem pensado seriamente em ser os libertadores da Grecia, como blazonaram nos jogos isthnicos, sua conducta teria sido inteiramente diversa.

Que sorte te reservaram, oh! Grecia, os teus protectores! O que de ti nos resta são as ruínas que os teus barbares vencedores levaram em triumpho, para que nas cinzas de sua propria cidade perecesse tudo que de bello a humanidade tinha produzido...

Si da Grecia olharmos para a Asia e Africa, basta dizer que conhecidas de todo o mundo são as proezas de Scipião — o Asiatico, de Melius, de Sylla, de Lucullo, de Pompeu... Que salteadores! Que deram, em compensação, os romanos ao Oriente? Nem leis, nem paz, nem instituições, nem artes; devastaram o paiz, queimaram as bibliothecas, os altares, os templos, destruíram as cidades...

A Hespanha foi para Roma o que a America, prosegue Herder, é hoje para os hespanhóes: mina a explorar, terra para a pilhagem».

O historiador philosopho tem razão nas linhas geraes de seu juizo ácerca dos romanos, maximé no que se refere

á acção desses latinos no Oriente, acção nulla ou prejudicial.

Deveria, porém, ser mais explicito em reconhecer as vantagens da administração romana no Occidente: Italia, Hespanha e Gallia, a despeito de toda a brutalidade de seu genio e do espirito depredador de seu character.

Mistér seria não equiparar tão completamente a administração hespanhola da America á romana do velho mundo.

Os mestres dos hespanhóes e portuguezes ficaram muito acima dos discipulos.

E si áquelles não occorreu ainda a ninguem, em bom juizo, chrismar de *parasitas*, menos é possível applicar aos outros o epitheto.

Nem se pense ser mistér, para proval-o, remexer Cicero, Plutarcho, Bossuet, Montesquieu e Herder.

Não foi preciso ir tão longe: estão citados, ao lado de outros, no volume 3.^o dos *Estudos sobre a Historia da Humanidade*, por F. Laurent, volume consagrado a Roma. E' livro de facilissimo accessso. Quem se quizer convenecer do que fôram as conquistas, a colonisação e a administração romanas, — leia os capitulos intitutados — *Os municipios, As colonias, Os aliados italianos, Relações com os povos estrangeiros, A dedicação, As provincias, A pilhagem do mundo, O regimen da força bruta*.

Quem quizer, leia e compare com as noticias pelo sr. Bomfim tomadas a Oliveira Martins e Rocha Pombo — ácerca de ibericos na America.

Pelo que toca, peculiarmente, á acção do governo da metropole portugueza no Brazil, já o nosso grande historiador, o incomparavel J. F. Lisboa, tinha dito coisas muito mais serias e fundadas, sem que, todavia, cheguem para, sobre ellas, se levantar a pagodeira do *parasitismo*.

SYLVIO ROMÉRO.

D'AQUI E D'ALLI

A fortuna das Congregações Mais uma vez, os factos affirmam que toda a crise religiosa tem como consequencia uma crise economica. A cruz moderna — diz um jornal francez — está plantada sobre um cofre e os que levam a cruz não abandonam a caixa.

E' talvez, cedo para avaliar as consequencias financeiras da separação, mas não ha duvida que a lei sobre as congregações, no ponto de vista orçamentario, foi pessima operação. Procura-se, com estupefacção, o *milhar de francos*, annunciado pelo legislador de 1901, somma colossal que apparece reduzidissima, apesar da exactidão da

avaliação dos bens das ordens religiosas, feita por financeiros meticulosos do ministerio das finanças. A venda desses bens não correspondeu ás perspectivas dos calculos officiaes, não só porque os grandes immoveis, construidos por frades e freiras, não podem ser adaptados, sem grandes gastos, a utilidades industriaes, differentes daquellas a que fôram destinados, claustros, conventos, e porque as penas de excommunição fulminadas pelos bispos, afastaram a concurrencia de compradores catholicos. Os bens vendidos de doze comunidades femininas, numa cidade, avaliados em 2.200.000 francos, produziram apenas 146.000 francos. Os bens vendidos mais caro fôram os adquiridos pela municipalidade e pelo Estado. E assim o milhar previsto dará apenas oito milhões.

Os religiosos, na previsão da expulsão, fôram transportando cautelosamente o seu dinheiro para o estrangeiro e se localizaram em Roma, conforme a vontade de Leão XIII, que pretendia jugular o dinheiro catholico, ligando-o ao throno de S. Pedro. A essa ordem, algumas ordens, principalmente de freiras, resistiram: o padre Pailleur, superior e fundador das *Petites Sœurs des Pauvres* foi, por sua rebeldia, conduzido a Roma e sequestrado até á morte, por ter recusado entregar os tres milhões de francos, a fortuna humana da sua associação. As *Sœurs de la Sagesse* fôram submettidas, á força, ao protectorado do cardinal Vanutelli, que lhes levou um milhão na primeira visita e meio milhão na segunda excursão. Prevendo essas piedosas violencias, a maior parte das ordens femininas, mais desconfiadas e prevenidas, collocaram a sua fortuna em titulos belgas e inglezes.

Os religiosos expulsos de França, exceptuada a virtuosa, a admiravel associação dos *Oratoriens*, dispersos, pobres, perseguidos, lettrados, são quasi todos ricos.

Os beneditinos de França levaram 26 milhões de francos, com que continuam uma existencia de fidalgos bibliophilos na ilha Wight.

Os cistercianos, reformados ou trapistas, possuíam grandes haveres empregados nobremente no roteamento das terras incultas, no saneamento dos pantanos e restauração das florestas.

Os cartuxos levaram 40 milhões e economizam o milhão annual que davam ás instituições catholicas. A sua usina de distillação está em Hespanha; mas a sua finança está em Roma, via Palestro, 39, sob a direcção de um habil frade banqueiro, o padre Herbault.

A reserva em dinheiro dos dominicanos francezes era exigua no momento do exodo: elles acabavam de

comprar e reformar, com enormes despesas, o admiravel palacio Uzés, no bairro S. Germain.

Os franciscanos ou irmãos-menores, deixaram a França com uma dezena de milhões — a receita de um anno.

Os capuchinhos possuem immensos recursos, cuja renda é avaliada em 2.500.000 francos. O seu procurador ou agente financeiro está em Roma; via Boncompagni, 71.

A fortuna dos jesuitas francezes é controvertida. O padre Mortens, cujo escriptorio está via del Seminario, 120, na cidade dos Papas, fornece a cada jesuita francez uma renda annual de 2.000 fr., porque os jesuitas de França ficaram em suas provincias, onde vivem, aos pares, em aposentos particulares.

Os assumpcionistas, dissolvidos pelo decreto de 6 de março de 1900, se installaram por toda a parte e em França. O seu procurador reside em Roma no palacio Filippini; chama-se Baudouy, tem vinte gerentes ás suas ordens para administrarem um capital de cem milhões e uma receita annual que augmenta successiva, incessantemente. O padre Bailly, superior geral, de facto quando deixa de o ser em nome, passa a maior parte do anno em França.

A fortuna dos Eudistas não é conhecida; é gerida em Roma pelo padre Mallet, excedendo a sua renda annual a um milhão.

Os irmãos de S. Vicente de Paulo, depois de realizarem 15 milhões, installaram a sua procuradoria via Palestro, 34, sob a direcção financeira do padre Maignen.

Os lazarisistas fórman a mais rica das congregações auctorizadas; teem, no Oriente e no Extremo Oriente, agencias e bancos prosperos.

Os maristas de Lyon installaram a sua procuradoria e sua fortuna á sombra da igreja do Rosario, que elles construíram em Roma. O padre Forestier, procurador, administra 8 milhões; mas a fortuna dos maristas estava nos collegios que soffreram prejuizos sem desaparecer.

Os padres Brancos teem na Africa admiraveis propriedades. O commercio de vinhos, de laranjas e a fabricação de alcool lhes rendem 2 milhões, administrados em Roma, por dom Burtin.

Os missionarios da Immaculada Conceição fecharam todas as suas casas em França, excepto a de Lourdes, onde ficaram sob varios pseudonymos. O padre Delpy dirige os negocios em Roma nos escriptorios da via del Vantaggio. Essa ordem presta á Santa Sé uma renda ou tributo de um milhão annual. Perdeu, ultimamente,

uma causa do valor de 4 milhões na America do Sul.

Os missionarios de Issoudun deixaram a França com uma reserva de 7.700.000 fr. O seu procurador é italiano e mora na praça Navone, nos baixos de uma igreja.

Os oblatos de Maria, que dirigiam o Sacré-Cœur de Montmartre, partiram com uma fortuna que lhes permittin fundar, em Roma, uma sumptuosa escola e um seminario.

Os padres do Espirito Santo, enriquecidos nas missões e colonias francezas, teem, em Roma, um seminario francez, onde os jovens elegantes se vão preparar para o sacerdocio. O padre Eschbach dirige os negocios da comunidade, cujo chefe é monsenhor de Roy, um atilado normando.

Os salesianos italianos se tinham installado em França: deixaram essa terra ingrata depois de lhe haverem drenado 14 milhões. Continuam, todavia a mendigar nella, por intermedio de uma revista mensal. Uma senhora acaba de lhes legar, em Turim, 3 milhões de lyras.

Os sulpicianos tinham, ha pouco tempo, a metade dos seminarios diocesanos, em França, sob a sua direcção; a metade dos bispos concordatarios são das suas casas. A immensa fortuna dessa ordem passou para Roma, onde é gerida sob severa administração por monsenhor Hertzog, que está á frente de uma especie de pensão episcopal, onde os bispos do mundo inteiro são acolhidos e vigiados durante a sua estadia em Roma.

Todo esse dinheiro passou, sem obstaculo, a fronteira, e mais tarde a sua falta produzirá graves perturbações economicas em França.

Essas ordens religiosas, que são verdadeiros drenos da fortuna dos crentes e dos piedosos, encontram, no Brazil, um terreno propicio á sua função de sucção lenta, poderosa, inplacavel, porque o governo interpretou com piedosa ingenuidade o regimen de separação da Igreja e do Estado, restanrando as riquissimas ordens religiosas moribundas, franqueando-lhes o territorio nacional, animando e protegendo a sorradeira incursão de frades e freiras, que se estão estabelecendo por toda a parte, em melhores condições do que nos tempos do Imperio. O governo do sr. Rodrigues Alves, com uma generosidade que poz em sublime destaque a sua fervorosa fé e fez jús ás indulgencias e á consideração da Santa Se, abdicou dos direitos do Estado ao

opulento espolio das ordens quasi extinctas e proporcionou inteira liberdade aos conventos, resuscitados sob a fórmula de pessoas juridicas.

Essa politica de doce tolerancia já foi compensada com uma cadeira no Sacro Collegio, e não será estranhavel que resulte della ficarmos placidamente reduzidos a um povo governado por estadistas que obdecem mais aos mandamentos da Santa Madre Igreja do que aos preceitos da Constituição.

A PROPOSITO DO CLUB MEDICO E DA REFORMA DO VESTUARIO

Vê-se, pois, como se realiza agóra uma das verdades em que se bi-parte a fórmula, expressa no artigo anterior: aqui, o traje faz o monge.

A personagem mais em relevo na sociedade ingleza actual, naquella democracia monarchica e plutocratica, veste com o rigor que a distincção do individuo exige. E' mistér que elle se distinga dos demais, em publico. E, como chegar-se a esse *desideratum*? Pelo traje, que é uma das mais salientes modalidades do culto externo. Vejamos o que se dá em Pariz, espelho da civilização occidental, extracto anthropocentrico da velha França, onde uma média timbra por manter as tendencias cavalheirescas da raça e por apresentar ao estrangeiro a variedade zoologica do *homo sapiens*, o *homme distingué*, que nós, desd'o imperio viemos a macaquear.

Ahi, quem quer que se preze de pertencer a essa variedade, traja negro, indefectivamente. O homem de letras, o homem da lei, o medico, o professor, etc. Porque assim? Porque o *esprit*, em França, é a lei. Porque o *esprit* deve ser o apanagio do *distingué*; e essa variedade só é alli, desde algum tempo, comprehendida como devendo apresentar-se de preto, traje de rigor, e... eminentemente economico, no entender do francez, o povo mais economico de quantos ha sobre a terra. Mais até do que isso...

Estou quasi a afirmar, embóra neste ponto me falhe a certeza, que em Inglaterra todas aquellas variantes do *homo sapiens*, que ha pouco assignalei, trajarão *veston* claro; e, antes que o balandrão que nos apavora, o palitot sacco, commodo e decente. Recordo, e para illustrar essa asserção, o seguinte: sempre que visitei o hospital S. Bartholomeu, em Londres, encontrei modesta porém elegantemente vestido assim, o *honorable* sir Simth, uma sumidade da classe medica, que mais tarde representou tão importante pa-

pel por occasião da molestia do seu digno rei.

Relanceemos agóra um olhar sobre a Allemanha, a ver o que nos diz a ethica do traje naquellas paragens militares. Aqui, o professor de universidade, o medico de nomeada e outras personagens, que não sejam os *philistens*, vestem mui singelamente.

Sabe-se qual o culto que o burguez, adorador de tudo o que é brilhante, do que impõe pela força ou por qualquer outra das modalidades do valor social, presta ao militar.

O militarismo, si é uma nevrose da patria de Goethe, é tambem uma das manifestações do atrazo anthropologico dos povos da Germania, que atravessam, aind'agóra, essa phase, quando povos mais adeantados, como o inglez, para tomar o typo, já se desvencilharam, já se purgaram desse mal, remanescencia d'outras éras.

Essa nevrose do militarismo veio augmentando de intensidade do inicio do reinado desse polymorpho e quasi genial Guilherme II, o *Alarmvogel* das casernas e circulos militares. O que se viu alli foi o requinte do luxo, da elegancia de emprestimo, de snobismo, entre militares moços, que feriam, por seus modos e extravagancias do culto externo, os velhos soldados d'antanho, do *bon vieux temps*, educados na simplicidade austera e sabia que vinha do grande Frederico, aproveitador incorrigivel de botões das rabonas nsadas, através Roon, Moltke e Bismarck, os organisadores da recente epocha imperial.

Den-se isso no dia em que, para alargar os quadros do exercito, o grande kaiser foi bater ás portas de outras classes que não aquellas habitnadas a fornecerem, tradicionalmente, o official allemão. Os *parvenus* julgaram-se obrigados, como é de bôa regra, a excederem o que havia no modo de trajar, no requinte das maneiras e pensaram ser os mestres daquelles que já nasciam ensinados pelo sangue da raça e depurados, espontaneamente, por uma educação domestica superior. Era mistér que o homem novo, o recém-chegado, já que não tinha o celebre *von* nobiliarchico, de gloriosa memoria, valesse por alguma coisa que fôsse. Tambem cá pelos Brazis e paizes adjacentes, munito ribaldo appropriava-se tambem, ás vezes, um *de* pela ingenna supposição de que isso o váe enobrecer, como si os sentimentos elevados e a nobreza de caracter não estivessem na massa do sangue e nos musculos de cada um e seja, quasi, um *produit comme le vitriol et le sucre*, conforme, talvez, exaggeradamente, dizia o grande Taine da virtude e do vicio...

Conta-se de Bismarck que tendo assento em Francfort, em qualidade

diplomática, nesse celebre parlamento que entendia contrariar as tendencias do veneravel *Bund*, instituido em 1815, alli se apresentou sempre com o traje singularissimo de tenente da *Landwehr*, motivo pelo qual era troçado chamando-o de *son excellence le lieutenant*.

Mas, nesses tempos remotos, o *brusche*, o *tolle* Bismarck, começava apenas a representar algumas das scenas d'ensaio geral no grande tablado da politica mundial; ficava, pois, bem ser um tantinho *schoking*, áquelle que pretendia transformar, e o fez, a posição da Prussia em face da Europa. E, depois, nem todos se parecem com o celebre conde de ferro, *der eisener Graf*...

De tudo quanto venho dizendo, não se depreheende que placito o uso da sobre-casaca, no pino do verão, pelo negociante inglez; nem o *abuso* do traje negro pelos *distingués* de Pariz e de cá; nem o fausto do traje do philisteu, filho de Teut, berlinense ou não. Longe de mim tal pensamento. Nem siquer pretendo justificar, de leve que seja, a continuação do uso da sobre-casaca e da cartóla pelo medico ou por quem quer que seja, aqui, nos dias em que *o calor está de derreter os untos*, e *d'escachar*, como dizia, ao marmoreo e olympico Fradique o ingenno Vidigal. Não! Jámais!

O que desejo, entenda-se, é que o traje faz parte da representação social do homem e que elle, por seu intermedio ainda, infelizmente, exerce prestigio sobre a imaginação do vulgo. E' mistér, pois, modifical-o, mas duma vez, em grandes e macissas doses. Que o chefe do Estado vá além do collete branco, sob a negra e classica sobre-casaca; que o senlior deputado, o professor das escolas superiores, os membros superiores da administração guardem-n'a para as quatro grandes festas do anno e, resolutamente, entrem no regimen do palitot sacco leve, claro ou não, e do chapéo democratico.

Factor de democratização, o traje deve concorrer, pela sua equalização, para republicanizar a Republica, na phrase feliz daquelle nosso prócer, ou para mixturar, mais homogeneamente, o chocolate nacional, do qual todos nós fazemos parte, ora mais á espuma da superficie, ora mais ao fundo da chicara, ao capricho daquelle sabida colhér que tão sorrrateiramente fabrica todas as raças.

Os grandes já entram a dar a nota alta na instrumentação da charanga patria.

Já o nosso prezado e estimado chancelier foi visto, ao que me dizem, numma missa de septimo dia de calça escura, mas não preta, de palitot azul e *plastron* de côr.

Um dos palinuros da nossa politica,

um dos mais notaveis chefes da nossa democracia conheço en, o qual, tendo tido tempo para levantar o nosso credito e fazel-o respeitar no exterior, e para entregar-se a trabalhos outros, bem suarentos, não teve o indispensavel para experimentar uma sobre-casaca, razão porque nenhuma ainda tem no sen provido guarda-roupa. Tem feito todos os seus trabalhos a golpes de frack d'alpaca e ontras fazendas leves e de chapéosinhos de pello de lebre.

Donde se prova que já nos vamos aventurando, um tanto, ao regimen...

Homens tambem de valor, por causas alheias á sua vontade, uzaram toda a sua vida e, póde-se dizer, com ella morreram, já não digo a sobre mas a verdadeira, a casaca authentica.

Assim, o notavel cirurgião francez Péan, o qual entrava e saía o dia e o anno envergando-a, sem discrepância possivel.

Lá tinha elle para isso razões, que a sua influencia social e extra-scientifica justificava, conforme o affirmou mnitas vezes.

Enfim, o traje deve achar-se sempre d'accordo com o clima e não com a situação social do individuo, embóra a tendencia contraria, justificada ou não, seja a regra no mundo culto.

Metta-se nisso o homem entendido; prove, *por exemplos*, o contrario, ao *vulgum pecus*: terá assim beneficiado o meio em que vive e conte como certa, absolutamente certa, a gratidão dos povos que uzam calças pardas.

Essa revolução no traje bem poderá acarretar outra, ainda maior, nos costumes como, certamente, nelles, munito mais intensamente do que na viação da cidade, váe pezar a *Avenida*. Um dos dois grandes problemas com os quaes dever-se-ia atrever um dictador digno desse nome, que, acaso, empolgasse o poder, deveria ser o alargamento da rua do Ouvidor; o outro, o fechamento por seis mezes, de todos os cafés, afim de sanear-se o moral da cidade. O primeiro acha-se de todo resolvido, indirectamente, com a abertura da Avenida; quanto ao ultimo, é, talvez provavel, decorra do primeiro, por evolução natural... Não chego ao excesso de pretender seja a rua do Ouvidor transitada por carros, como disso vemol-a ameaçada! E si a vóz de um carioca naturalizado póde chegar, no côro de centenas doutras, ás alturas municipaes, aqui formulamos o voto que pede a suspensão dessa resolução dictatorial.

Esperemos os resultados inevitaveis que trar-nos-á a refórma do traje e a abertura da Avenida, e o resto, de si, virá, ao menos *ad calendas*! Mas chegará a tempo. Receio que isso não passe, porém, de moda, como tantas ontras aquisições nossas não teem passado.

Ainda ha poucos dias, deparou-se-me uma das minhas melhores amigas, cujos atrophiados sentimentos religiosos conheço, de longa data, a comprar um quadro onde, em metal fnsco, se desenhia a *Ceia* que Da Vinci perpetuou. Admirei esse preito a uma religião que nunca a vira cultivar. Ella respondeu-me, entre dois adoraveis sorrisos, que era agóra moda, em casas de distincção, ter-se numa recordação daquelle melancolico e biblico episodio.

Por moda, si não foi garridice, uzou Cesar a corôa de loiros, a desfarçar-lhe a calvice extensa, com a qual, em imagem, passou á preteridade.

Loiros collierá quiçá, mais meritorios, o *club* medico, pela propaganda que inicia agóra, conta perdida no rosario das por que ali virão a fazel-o merecedor da gratidão das brazilias gentes.

DIAS DE BARROS,
Professor na Faculdade de
Medicina

POESIAS

DE ALBERTO DE OLIVEIRA

Quando em 1900 o poeta Alberto de Oliveira publicou a edição definitiva das suas POESIAS, pensava muita gente que, fatigado de cantar a natureza e o amor, elle se despedia assim da arte, para entrar no gozo pratico dos motivos emocionaes que tão ardentemente e por tantos annos o haviam inspirado. Porque isto é que é a poesia no Brazil. Os poetas viçam e abundam na quadra primaveril; murcham e rarêam ao alvorecer do outomno. Os quinze annos abrem as valvulas sentimentaes á alma dos amorosos; os trinta encerram definitivamente as preocupações estheticas do homem pratico que se cazou ou se arranjou para viver sem privações. Assim foi para muitos uma surpresa saber que Alberto de Oliveira produziu um novo livro de versos de farto volume e inspirado nas mesmas fontes que o anterior. Como o conseguiu com tanto garbo, num meio tão miseravel, tão pouco propicio, tão adverso mesmo á producção de pura arte? E' o seu segredo.

Nota-se, porém, que elle fugiu aos themas deste cruel momento. Continuou a ser um lyrico e um pantheista, sem nada reflectir da vida social.

E' certo que a Natureza é um motivo inexaurivel de emoções. Voltado para a Natureza, é que o homem se purifica e se exalta e é no seio della que elle encontra o repouzo e o consolo, a renovação do seu vigor, o fortalecimento das suas virtudes, e a razão de ser dos seus actos. Pois que

tudo vem della, é preciso remontar a ella com a alma livre e o coração puro, para interpretar os problemas da vida e para corrigir as deformações da civilização.

E' tambem certo que o Amor produz os estados affectivos mais proprios á inspiração poetica. E sentimento humano não ha mais digno de um inviolavel respeito e de perpetuas especulações estheticas. Mesmo hoje, que elle se acha tão deturpado pelos preconceitos de uma sociedade em franca decadencia e tão amesquinhado na consciencia vulgarissima dos vive-dores, mesmo hoje, si ha heroismos sublimes, si ha idéaes verdadeiramente altos, si ha nma força indomavel que resiste a todos os sacrificios e a todas as violações, tudo vem do Amor. Elle é o nucleo incorruptivel em torno do qual se elaboram todas as grandes refórmias e só elle opéra as transformações beneficicas que levam a humanidade ao progresso.

Ser capaz de enfrentar a Natureza e de interpretal-a, sentir a sua magestade e respeitar as suas mysteriosas forças propulsoras, é, portanto, revelar um alto descortino mental; e ter do Amor essas impressões inconfundiveis, saber traduzir-lhe as vibrações, cantar com éstro a sua perpetua e peregrina emoção, é dar o melhor documento da sua capacidade creadora.

Mas ha alguma coisa de mais immediatamente interessante, de mais opportuno e mais suggestivo: é a preocupação vigilante pela felicidade humana, é a analyse do soffrimento humano com o escopo de minoral-o e eliminal-o, é o estudo curioso dos aspectos sociaes, tão oscillantes e instaveis, com o fito de modifical-os e aperfeioal-os. A vida social é um desdobraimento da Natureza, complicado pelas mil intervenções da phantasia do homem, falsificado pelas paixões deformadoras, e, finalmente, rectificado pelo Amor. Quando a moral aberra excessivamente da sua fonte immortal, que é sempre a Natureza, vem o Amor corrigir-lhe os desvios e prendel-a novamente ao seio materno.

Assim, a Natureza e o Amor são as grandes causas da vida, e eu quizera que um poeta, tão admiravel, tão fecundo, tão vibrante, como é Alberto de Oliveira, completasse a sua arte, que é tão prodigiosa, intervindo com ella no coração humano, sondando a miseria humana, flagellando a infamia do homem e cantando o heroismo do homem, perdoando e condemnando, vivendo a vida intensa do amor humano, da justiça humana, da tolerancia humana e da dôr humana. Quem parte da Natureza e chega a essa fórma immaterial, subjectiva e complexa do Amor, tem passado necessariamente

por toda a dolorosa evolução humana e não pôde ficar indifferente ao sacrificio monstruoso que á humanidade tem custado o pouco de bondade e de amor que ella tem adquirido até aqui.

A arte do grande poeta se resente dessa falha; é soberba, é triumphal, mas é egoista. E' verdade que uma ou outra vez lhe escapa uma nota que se poderia interpretar como uma preocupação desse genero; mas, bem se observando, era um effeito esthetico que elle buscava, quando a empregou.

E' preciso convir que, assim applicada, a arte mente á sua funcção.

Arte pela arte não é mais para este momento, em que todas as forças vivas do homem se acham empenhadas numa grande conquista, de que ainda não se conhece bem o objectivo, mas de que já se suspeita o roteiro. O artista já não pôde ficar impassivelmente encerrado na sua torre de marfim: tem que abrir sua alma para receber o furioso vendaval que sopra do seio obscuro da miseria humana.

E' este seria um formidavel poeta social. Porque o seu éstro é realmente magnifico e eloquente e o seu objectivismo — unico na historia da poesia brasileira.

E' nessa segunda série das suas POESIAS, o antigo poeta dos *Sonetos e Poemas* e do *Livro de Emma* renasce, mais poderoso e mais perfeito. Este livro continúa a edição definitiva; todas as suas producções estão nitidamente filiadas á inspiração que produziu aquelle precioso volume.

Nem por isso, o artista se repete ou se torna monotono, pois a sua emoção adquire agóra uma pureza maior de timbre e uma expressão mais limpida. O seu lyrisimo, por exemplo, tão campanudo nos *Sonetos e Poemas*, um pouco desvairado, mas já muito simples, no poemeto *Por amor de uma lagrima*, da edição definitiva, recatado e profundo no *Livro de Emma*, attinge nesta segunda série a uma intensidade maxima de sentimento e de perfeição fórmal: levissimo e crystallino. Vejam-se: *Versos do coração*, *O que en lhe dizia*, *Preito*, *Versos alheios*, *Alcova deserta* e *Alma em flôr*, a deliciosa historia de um primeiro amor.

A minha vida é um cantico a teu nome,
Uma oração como ninguem a reza,
Nem a ouviu nunca altar na terra erguido,
Um extase e um penar que me consome,
Delicia e magoa, jubilo e tristeza,
Um sorriso e um gemido!

Esta estrophe é de *Visio*. A evocação dos prazeres perdidos, a resurreição das suas reminiscencias tem, na sua discreta surdina, arroubos insuperaveis. Aquillo váe crescendo, como o rumor de uma orchestra, e como nunca se desmanda em paroxismos agudos, dá a impressão de

uma musica de camera, oude predomine o som augusto do orgão.

Amo-te ! Estás em quanto os olhos ponho,
Em quanto o ouvido meu escuta, em quanto
Côa em meu sangue, o coração me vibra ;
Dentro em minha consciencia e no meu Sonho,
Dentro no meu sorriso e no meu pranto,
No intimo, em cada fibra . . .

E esta estrophe dos *Versos alheios*,
em versos brancos :

Nem mais um dia agóra,
Sem que te haja na idéa !
A tua imagem linda em toda a parte !
Em toda parte o fremito convulso,
O calafrio de lembrar-te as fórmas,
A séde incomportavel de beijar-te
E, ao mesmo tempo, ai ! doudo ! ecoante e lugubre
Um grito a me dizer no intimo d'alma
Que não podes ser minha !

Alma em flôr é o connubio das duas
maneiras predominantes do auctor.
Melhor : todas as suas qualidades de
artista e de poeta ahí estão synthetizadas.
A sua obra inteira talvez não registe
producto egual. E' a psychologia da
puberdade amorosa, o vago aneio erotico
de uns quinze annos abrazados :

E á noite, ai ! como em mal sofreado aneio,
Por ella a fórma ainda mysteriosa
E que não sei quem seja, afflicto chamo !
E sorrindo-me, ardente e vaporosa,
Sinto-a vir (vem em sonho), une-me ao seio,
Junta o rosto ao meu rosto e diz-me : Eu te amo !

E' o suggestivo quadro campesino,
com a sua vida propria, e a sua moldura
primitiva, tudo vivaz, expressivo e cálido :

Fulva flammeja férvida fornalha
Que as caldeiras de cobre aquece e afuma ;
Acceleradamente trabalhando,
A machina farfalha.

E' a reproducção onomatopaica e
colorida das vózes da Natureza, dos
seus gritos, dos seus aneios, dos seus
triumphos :

Olha—Este grito ? este tinir que escutas
De martello em bigorna ? estes gemidos ?
Estes soluços e risadas longas,
Ais, assobios e de quando em quando
Silvos, cochichos, guinchos e estalidos ?
São aves, são gaviões, são arapongas,
São guaches e tucanos, são nas grutas
Insectos e reptis . . . Canto assombroso !
Symphonia phantastica ! Ella ouvia.
—Que é isso ? E eu lhe explicava
O hymno da selva.

E ainda ahí estão o seu lyrismo
suave, a graça e a harmonia do seu
vago e discreto humor, dando tudo a
impressão de um arroio fluente.

E a sua musa pantheista ? Esta
desfralda com pompa os seus antigos
atavios e a sua eloquencia soberba.

Defronte da Natureza, o poeta se transfigura,
amando-a com impeto e cantando-a
com paixão. Fala á tempestade :

Amo-te ao rebramar do cavernoso e grosso
Côro dos teus trovões, ao carro teu jungidos;
Qualquer coisa de mim que eu exprimir não
posso
Geme no teu gemer, ruge nos teus rugidos !
Amo-te, ebria e possessa, a deflagrar purpurea,
Aquanto se te oppõe, no embate formidando,
Com Aquilão e granizo, em desatada furia,
Varrendo, espedaçando.

E invejo-te ! Não ter para expandir-me o
espaço
Onde de pólo a pólo o teu soffrer derramas !
Não ter para raivar a tua bocca d'aço,
Nem para blasphemar tua bocca de chammas.

E' quasi o desvario erotico. A expressão
é allucinada e febril. Já na edição definitiva,
elle sentia e expressava esses transportes;
agóra, porém, se identifica melhor com a
Natureza; o seu éstro tem accents mais
profundos, mais intimos.

O poema *O Parahyba* é, nesse genero,
o que é *Alma em flôr* no genero lyrico:
synthese das suas faculdades creadoras e
expressivas. Talvez o episodio final pareça
um pouco postico e convencional; é mesmo
desproporcional aos largos quadros que
formam a trama do poemeto. E, além de
tudo, mostra mais uma vez a despreocupa-
ção do poeta pelos assumptos verdadeiramente
humanos, que substituiriam com vantagem
essa interessante phantasia; mas, mesmo
assim, é uma soberba pagina de arte.

E' preciso salientar que o subjectivismo
de Alberto se apura singularmente nesta
série, como já verificámos em *Alma em flôr*.
A lingua é tratada com aquella segura
maestria dos que sabem estudal-a e prezal-a.
Dantes, era por vezes um tanto hisurta,
empolada no vocabulario e na construcção;
agóra, si bem que ainda se notem vestigios
— raros — das preoccupações de preciosismo
que a sua obra anterior regista, o tom geral
é de uma simplicidade sem affectação.

Com tão altas qualidades, Alberto de
Oliveira bem poderia trazer o contingente
da sua arte poderosa para as grandes
campanhas sociaes deste momento. Falta-
nos um poeta dessa envergadura e com
essa visão. No dia em que elle quizer
lançar o seu olhar para esse mundo novo,
os motivos estheticos se lhe multiplicarão,
e a sua arte o tornará verdadeiramente
immortal, porque mais elle se terá
aproximado da vida, e terá semeado as
particulas do seu coração no seio da
humanidade.

FROTA PESSÔA.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A thorianite, um novo mineral. — Os trabalhos de exploração meneral da ilha de Ceylão, por Dustan e Blake.

Era muito conhecida a thorite, silicato
hydratado, muito vulgarizado na industria,
do qual se extráe o metal terroso, o
thorium, empregado na fabricação de
camisas que servem na illuminação por
incandescencia.

A thorianite é uma descoberta muito
recente, devida a Dustan e Blake, que,
em trabalhos de exploração mineral da
ilha de Ceylão, encontraram uma pequena
quantidade de minerio negro, confundido,
ao principio, com a uranite ou o pechbleude;
analysado, porém, com mais cuidado, se
verificou que elle continha 70 % de
oxydo de thorium e uma fraca proporção
de uranite.

A thorianite é encontrada nas allu-
viões de pouca extensão e se deve attribuir
a sua origem a uma rocha granitica. O
minereo se apresenta em pequenos
crystaes de aspecto cubico, aproximando-se
do systema rhombodrico, com as faces de
negro de jade com brilho resinoso ou
cinzento escuro, ou castanho negro. E' opaco,
variando o seu peso especifico de 8 a 9,7.
Decrepitado e convenientemente aquecido,
se torna ligeiramente incandescente. E' muito
facil reduzi-lo a pó e, então, se dissolve
depressa no acido nitrico concentrado, ou
no acido sulphurico dilluido, com desenvolvi-
mento de gaz. O acido chlorhydrico o
ataca pouco.

A principal propriedade da thorianite
é ser de uma extrema radio-actividade,
podendo, conforme a opinião dos seus
descobridores, substituir, com vantagem,
a thorite.

* *

Os cosmeticos. — Pó com base de chumbo. — A composição do pó de arroz. — Um interessante capitulo do dr. Cabanès.

Em um livro muito curioso — *Indicreções da Historia*, o dr. Cabanès
consagra um capitulo interessante aos
venenos e artificios da *toilette*, no qual
se encontram instructivos detalhes sobre
o uso e a composição, dos cremes,
cosmeticos, côres e pó com base de
chumbo.

Os antigos conheciam o branco de
chumbo ou o alvaiade.

— E' ao alvaiade — diz Ovidio —
que deveis a pallidez da vossa tez.

Martial fala tambem das mulheres
que abuzavam daquelle pó :

«Lycoris, mais negra do que uma
amóra caída da arvore, se acha bella
quando pintada com alvaiade.»

Mais tarde, S. Jeronymo fulmina as
christãs frivolas que apparecem, pu-

blicamente, com os olhos debruados a pincel, com a tez embranquecida com aquelle pó.

A *coquette* do XV seculo preparava o rosto com varias côres — gemma de ovo, agua de vinha, unguentos e alvaiade, compunham a sua pintura.

Na epocha da Renascença, sob Luiz XIV e Luiz XV, o uso da pintura tomou proporções enormes e os saes de chumbo continuaram a entrar na fabricação dos cremes, tão nocivos, quanto o vermelho vegetal tão famoso, tão usado, sendo composto de vermelhão ou minium, oxydo de chumbo.

Abandonados um momento, durante a Revolução, os cremes, volveram á moda sob o Imperio e a Restauração. O segundo Imperio tambem adoptou o costume da pintura da cara, ainda hoje mantida, si bem em menores proporções do que no tempo de Luiz XIV onde esse detestavel vicio attingira ao apogeu.

Os cremes brancos, para dar esmalte á tez do rosto, devem as suas propriedades preciosas a substancias do reino mineral, digam, embóra, os rotulos o contrario. Elles se dividem em duas categorias :

1º, *os innocuos*, cujo inconveniente consiste em obstar a respiração da pelle : são branco de talco ou de gesso, mas não se adaptam bem á pelle, não a cobrem nem produzem a illusão desejada. Véem depois os brancos de zinco, preparados com o oxydo, o carbonato ou oxalato de zinco. Não produzem accidentes, não ennegrecem ao contacto das emanações sulphydricas ; cobrem peor do que os brancos de chumbo, mas associados a certas substancias que lhe dão liga e unção, pôdem ser empregados com successo. A venda destes deveria ser a unica auctorizada ;

2º *Os cremes perigosos*, entre os quaes se deve collocar o branco de bismutho — branco de perolas — que, não sendo venenoso, tem o inconveniente de enrugam a pelle, produzindo-lhe rachas. Os brancos de chumbo, branco de alabastro, branco de theatro, etc., são, sem duvida, da mais detestavel composição: a elles se devem accidentes muita vez deploraveis.

Ha tres classes de sociedade — diz o dr. Cabanès — que uzam esses detestaveis cosmeticos — os artistas, as mundanas e as cortezãs. Para os primeiros, a pintura do rosto é uma exigencia da profissão; por isso, perdem, em geral, muito cedo, a frescura da tez e a saúde. Muitos comicos e, sobretudo, comicas envelhecem precocemente e alguns morrem, ainda jovens, em uma especie de decrepitude antecipada; succumbem de lezões organicas.

As senhoras, cuja existencia não tem outro objecto sinão agradar, pa-

gam um cruel tributo ao abuso dos ingredientes de pintura, cujos effeitos se traduzem por nevroses varias, revelando profunda perturbação dos orgãos essenciaes á vida. Quanto ás mundanas, que sómente recorrem ao arteficio em circumstancias muito mais raras, não soffrem habitualmente sinão passageiros incommodos.

Mas em todos esses accidentes se reconhecem, como nos pintores, os terriveis effeitos da intoxicação saturnina.

Os coloridos vermelhos são quasi todos vegetaes e, por isso, pouco perigosos, menos o usado pelos *clowns*, composto de minium ou oxydo de chumbo. Deve-se desconfiar dos cremes *electricos*, compostos de cinabre ou sulphureto de mercúrio. Em muitos casos, são substituidos com vantagem por uma composição de eosina, substancia aromatica inoffensiva.

No pó de uso indispensavel, o arroz figura em proporções mínimas e é geralmente substituido por feculas extraídas do trigo, de batatas, de amendoas diversas misturadas com talco, magnesia, gesso de Briancon, oxydo de bismutho, oxydo de zinco. O arroz é tambem substituido pelo amido de brilho mais pronunciado e mais vivo, tendo, a distancia, reflexos azulados, de aspecto muito agradável, e adhire melhor a pelle. Ao amido se alliam o subnitrate de bismutho e o oxydo de zinco, substancias metallicas, que teem a vantagem de ser muito alvas, opacas e adstringentes ; nenhuma dellas, porém, eguala o alvaiade no brilho e adherencia incomparaveis. Neste, está o perigo; elle é o veneno que as nossas bellas leitoras devem evitar cuidadosamente, como um veneno de funestos effeitos.

* * *

Nova theoria do rheumatismo, pathogenia e tratamento. — Um trabalho original do doutor Pénieres.

O professor Albert Robin apresentou á Academia de Medicina de Pariz um trabalho original do dr. Pénieres, professor da Faculdade de Medicina de Toulouse, sobre a pathogenia e tratamento do rheumatismo.

Para esse notavel professor, o rheumatismo é devido a uma autointoxicação, provocada pela introdução no sangue de uma toxina, de um fermento analogo ao fibrino-fermento da coagulação do sangue, estudado e isolado por Schmidt. Esse fermento seria eliminado pela urina á medida da sua formação, como outras toxinas da urina normal, evitando assiim os effeitos de sua virulencia no organismo ; mas qualquer lesão da mucosa do aparelho genito-urinario facilitará a absorpção desse veneno, a sua entrada

no sangue e produzirá o envenenamento rheumatismal.

A queda do epiteliu das vias urinarias, epiteliu defensor do organismo contra a invasão de certos venenos, abre boccas á reabsorpção, prepara a autoinxicção e, por isso, as nephritis epiteliaes, uretrites, as cysptites servem muita vez de prefacio ao rheumatismo.

Essa nova concepção condúz naturalmente a uma therapeutica correspondente para restaurar os epiteliolos e favorecer a eliminação das toxinas, effeitos que o dr. Pénieres obtem com o emprego dos antisepticos suaves e muito digestivos.

Termina, hoje, a interessante narrativa com que o nosso eminente collaborador, o general Dionysio Cerqueira, deleitou os leitores dos *Annaes*, durante quasi um anno.

A' chegada do exercito alliado no acampamento de Tuyuty, seguem a batalha de 24 de março, contada no decimo quarto numero dos *Annaes*, e outros episodios pictorescos terminados no trigesimo setimo numero.

Essa posposição foi devida ao facto de, quando encetou a publicação das suas *Reminiscencias*, não pretender o nosso illustre collaborador tratar de toda a campanha, proposito abandonado pelo brilhante successo das suas primeiras paginas, tão empolgantes foram pelo excellento estylo, pela impressão viva dos quadros traçados com absoluta verdade e pela precisão dos factos, das datas, dos personagens, sobretudo dos herões ignorados, aos quaes a penna eloquente deu um patriotico destaque.

Essas admiraveis reminiscencias, evocadas de memoria, sem o contingente de notas, de documentos para não lhes marear a impressão pessoal, sempre viva após quarenta annos, revelaram um escriptor militar de primor no soldado, no estadista, que se fez, sem duvida, superior ao saudoso auctor da *Retirada da Laguna*.

Com os nossos agradecimentos, apresentamos ao sr. Dionysio Cerqueira as nossas felicitações pelo seu pleno successo litterario, talvez unico nesse difficil genero de litteratura.

O nosso estimavel collaborador promette-nos o seu magnifico concurso, dando aos *Annaes* outros trabalhos de subido valor.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty — Poesia pictoresca — O máu passadio de officiaes e praças.

Marchámos para avante em columna aberta de pelotões, com a musica na frente. Eu ia no centro do meu, orgulhoso e cheio de mim. O dia passou sem novidade. Os paraguayos não appareceram nas avançadas, que estavam num alto dominando a baixada do Estero Bellaco. A' noite, fomos rendidos e ficámos de protecção. Como estavamos em campo aberto e a matta distava bastante de nós, o commandante formou quadrado e assim passá-

mos a noite, reudendo-se as fileiras successivamente na promptidão de duas horas. Foi muito fatigante aquella noite de vigílias. A cada tiro que soava na linha de vedêtas, formava todo o batalhão e conservava-se assim até que o silencio indicasse que não havia novidade. No outro dia, pela manhã, fomos rendidos e voltámos para o acampamento, onde tivemos revista de armamento do commandante da companhia ao meio dia. A tarde, formámos para exercicio e á noite dormimos de promptidão. Assim passava a vida no meu novo corpo, no meio daquella soldadesca, que eu admirava, mas com quem jámais me poderia identificar, tal era a distancia que nos separava. Eram bons e bravos, mas ignorantes e sem educação. Quando falavam, diziam blasphemias de arripiar os cabellos e uzavam uma gyrria muito pictoresca e vedada aos profanos.

Reparti as minhas duas libras de mezada com o faxineiro, que o sargento me concedeu. Elle cosinhava a nossa boia e dava-me a metade, lavava-me a roupa, que não ia além de uma só muda, limpava-me o armamento e cuidava do meu equipamento. Era um crioulo alvo e musculoso, *gingando* muito quando andava, com uma *trunfa* ponteaguda no alto da larga testa. Era muito limpo — fazia gosto ver a chapa do seu cinturão e os botões como reluziam. Era afamado fabricante de cigarros, que vendia aos officiaes e gostava muito de cantar. Era bahiano, e foi recrutado no tempo do conselheiro Sinimbú, quando o povo da capital se levantou pedindo «carne sem osso, fariuza sem caroço e toucinho do grosso».

Anselmo da Pureza era o nome do meu patricio. Os camaradas lhe chamavam Pureza. A sua canção predilecta, que entoava quando passava a cêra nas correias ou a tala nos metaes ou enfiava o churrasco no espeto, era:

«Arrengo da vida solteira.
Sempre deve cazar o soldado,
Deixar de fazel-o é ser tólo,
E' por gosto perder bom bocado.

Deve sempre cuidar o soldado
Em o cano da arma limpar,
O gatilho trazer sempre limpo
Para não se enferrujar.

A mulher trata tudo com mimo;
Traz a chapa limpa como oiro
E a boneca de cêra trabalha
P'ra burnir essa coisa de coiro».

E numa toada alegre, com vóz ueteio fanhosa, o bom e valente capadocio bahiano cantava até á ultima dessas estrophes singellas, tão conhecidas dos tarimbeiros de então.

Breve marchariamos, e eu estava satisfeitissimo com a minha nova situ-

ação, esperando o dia em que me tocasse tambem fazer como aquelles camaradas que eu via passarem entusiasmados no dia 2 de maio, quando eu, immovel, junto á culatra do meu canhão, me ralava de inveja.

Era, então, como sou ainda hoje, meio fatalista. Todo o soldado o é. Conformei-me, portanto, com a minha mochilla e a carabina, que recebi para defender a patria, sem grande esperanza de ir muito além na carreira que abracei.

O posto de alferes era a minha suprema aspiração e parecia-me impossivel alcançal-o. Uma tarde, chegou-se a mim, com ar prazenteiro, o sargento da minha companhia e quasi sorrindo disse-me:

— Senhor alferes, v. s. foi promovido para o 4º de infantaria. O sr. capitão manda chamal-o.

— E' verdade, sargento, ou v. está gracejando?

Eu não podia explicar tamanha ventura. Era certo. Corri ao capitão, que me deu os parabens. Ninguem pôde calcular a transformação que se operou em todo o meu sêr, nem a minha alegria e os sonhos que provaram, naquelle dia feliz, a minha imaginação. De todas as noticias que recebi durante a minha vida, a da promoção a alferes em commissão foi a que mais prazer me deu.

O nosso commercio alli não possuia um só sirgueiro que pudesse fornecer-me os galões, a banda, a espada e o talim; nem havia alfaiates no exercito. E si existissem uns e outros, seria o mesmo, porque eu não tinha dinheiro para comprar taes objectos. Fui ao regimento radiante de contentamento e já não pisava como dantes; tinha mais garbo e dava-me certos ares de importancia. Já era official e de infantaria, a minha arma predilecta. O Marcos de Azevedo deu-me um galão velho de capitão, que eu dividi ao meio e fiz as minhas divisas de alferes. O Severiano da Fonseca uma banda muito usada com uma só borla. O João Luiz Gomes, o quartel-mestre, uma espada reiúna com o competente talim. Quando voltei ao Doze, levava; pregados na blusa reiúna de baêta azul, os galões meio desfiados, da côr do cobre, e a banda, atada á cintura, deixava ver a faixa vermelha abaixo do talim de couro preto encerado. Não cabia em mim de contente.

Entrei no acampamento arrastando o espadagão e passei pela sentinella da guarda da frente, que me perfilou a arma.

Quando eu passava, os soldados levantavam-se e o «Pureza» felicitou-me muito satisfeito.

Nesta mesma tarde, já ao pôr do sol, fui apresentar-me ao general Sampaio, commandante da 3ª divisão, a

encouraçada. Fôram conmigo o Horacio de Almeida, hoje coronel, e o Nelson Celso Borges de Assis, que morreu gloriosamente, alguns dias depois, em 24 de maio. Tinham sido tambem promovidos.

O illustre general, gloria do exercito pelo valor e amor á disciplina, estava completamente uniformisado debaixo da sua ramada, lendo uma historia de Napoleão, o seu capitão modelo. Quando nos viu, fechou o livro, marcando-o com o indice da mão esquerda. Adeantei-me, profilei-me levando a mão á pala do bonet e disse:

— Prompto, senhor general, venho apresentar-me a v. ex. por ter sido promovido para o 4º de infantaria.

O velho soldado mirou-me de alto a baixo e eu firme como uma estaca. Parecia ter sympathisado conmigo, porque disse em tom affectuoso:

— Estimo muito, sr. alferes. Apresente-se á Brigada. Desejo que seja feliz.

Depois, quasi sorrindo, me perguntou:

— Você é filho do Ceará?

Achou-me talvez com a cabeça chiata.

— Não senhor, sr. general, sou bahiano.

E quasi accrescentei — «por graça de Deus».

Despediu-me com um nobre gesto de bondade.

Foi a primeira e a ultima vez que tive a hora de falar com aquelle extraordinario homem de guerra.

* * *

Muitos amigos se congratularam conmigo pela minha promoção. Entre elles, estava o Martinho Albano de Souza, meu comprovinciano e companheiro de *republica*, quando estudou o segundo anno da Escola Central em 1863. Já tinha o curso de infantaria e cavallaria e ainda era 2º sargento. Onde elle estava, reinava a alegria. Além de bom, era forte. Ninguem o excedia numa boa pilleria, nem ficava mais tempo firme, sem se mexer, num *golpe de tiro e apontar*.

Num dos combates de maio, não me recordo bem si a 2 ou 24, salientou-se muito. Estava numa linha de atiradores, quando assomou pela frente uma columna de cavallaria inimiga a galope e fazendo grande alarido. Tocou *assembléa* e os nossos homens correram sobre o apoio para formarem *circulo*. Atropellava ao Martinho um sargento paraguay, espadado e gigantesco, brandindo immensa lança de lamina coruscante. O bahiano corria muito, mas a distancia diminuia rapidamente. De repente, viram-no dar meia volta e cair em guarda, com a chapa do coice apoiada na parte in-

terna da coixa direita, como o Meyer ensinava, e esperar resolutamente o cavalleiro, que abaixou a lança e debruçou-se sobre o pescoço do cavallo que vinha á toda, de barriga no chão, como dizem os vaqueiros da minha terra.

Já as pontas da lança e do sabre-bayoneta iam tocar-se, quando, sem desviar o olhar fito no cavalleiro, o Martinho, lésto como em dia de exercicio na Praia Vermelha, deu um salto á direita e partiu a fundo com um golpe de tanta força, que o paraguayense desaprumou e caíu mais adiante, levando consigo a carabina com o sabre enterrado até á guarda. Toda essa scena emocionante passou rapida como um relampago e, um momento depois, o nosso bravo companheiro chalhava na primeira fileira do *circulo* sobre o susto que raspolu, esperando com firmeza os cavalleiros, que escaramuçaram ainda alguns minutos e deram meia volta perseguidos por um troço dos terriveis gaúchos de Manduca Rodrigues. Por este feito, foi promovido a alferes em commissão para o batalhão commandado pelo Deodoro. Nesse tempo, não sei quem passava melhor — si os officiaes ou as praças de pret. Nem uns, nem outros recebiam soldo. Estas, porém, tinham a sua etapa. A nós apenas tocava a ração de carne. O commercio, para fiar, exigia vales assignados pelos officiaes e garantidos pelos commandantes. A fiança era muito arriscada porque se morria muito então. Alguns commandantes recuzaram ser fiadores. O commandante do Martinho Albano não lhe quiz rubricar os vales. Elle não insistiu, tão pouco desanimou. Começou a parafuzar; e, como bom discipulo de Archimedes, bateu na testa, exclamando — *Eureka*. No dia seguinte, depois da hora da parada, apresentou-se ao general Osorio.

— Alferes, que deseja ?

— Como estamos sem receber o nosso soldo, venho pedir a v. ex. para mandar rubricar o meu vale.

— Isto é com o seu commandante, disse o general.

— O meu, sr. general, não quer; e não tenho o que comer, além da ração de carne que v. ex. mandou dar-nos.

— Você já almoçou ?

— Não senhor; desde hontem que não como.

O general achou engraçado aquelle typo intelligente e quiz ir ao fim.

Chamou uma das ordenanças e mandou que o cosinheiro preparasse, sem demora, um bom assado e o trouxesse com farinha.

— Você gosta de farinha secca ?

— Gosto de tudo, mas prefiro um pirãozinho.

Veio um excellente churrasco com pirão escaldado. O Martinho era bom garfo: devorou a pitança com appetite

dos vinte annos. O general regosijava-se com aquella scena bastante rara. Quando o espeto ficou limpo, disse-lhe:

— Tome agóra uns porongos de matte. Não gosta ?

— Tomo quando não tenho outra coisa. Nós da Bahia gostamos mais de café; e si ha pão com manteiga, melhor.

Veio café e pão com manteiga.

— Abi tem e tome á sua vontade.

— Muito obrigado, sr. general.

Tomou algumas clicaras e comeu todas as fatias.

— Fuma ?

— Sim senhor, mas não na presença de v. ex. Os nossos cigarros de fumo reiúno são muito ordinarios.

— Tome um charuto da sua terra e vá embóra. Diga ao seu commandante que rubrique não só os seus vales como os dos seus camaradas, para que não tomem o seu máu exemplo e vão parar na guarda do exercito.

— Muito agradecido a v. ex.. Ás ordens.

Entrou no acampamento satisfeitissimo e contou aos companheiros o magnifico resultado do seu plano; mas viu-se em *talas* para dar ao Deodoro o recado do Osorio.

Foi ferido no rosto em um dos combates de Tuyuty e, tempos depois, morreu do cholera, em Tuyucú, esse companheiro bom, bravo e jovial.

Emquanto estivemos no Passo da Patria, de vez em quando tinhamos pequenas escaramuças com o inimigo e perdiamos sempre alguns homens.

O soldado habitúa-se depressa com a vida aspera e rude de campanha. Aquelles tiroteios e pequenos encontros eram já boas distracções.

No dia 20 de maio, todo o exercito alliado levantou acampamento e marchou para a frente. Eu ia entusiasmado, de calças metidas dentro dos colturnos e capote a tiracollo, na retaguarda da setima companhia do meu batalhão. Passámos o Estêro Belaco quasi sem resistencia. O inimigo não nos quiz disputar a passagem. Pouco depois, subimos ás eminencias de Tuyuty e todo o exercito estendeu-se por aquelles areiaes afóra.

O general Flôres acampou na vanguarda debaixo dum laranjal abandonado, tendo á direita o 1.º Regimento de artilharia. A sua esquerda, do lado da matta, armou as suas tendas a brilhante divisão Sampaio, da qual fazia parte o meu 4.º de infantaria. Mitre, o nosso illustre general em chefe, occupou com o seu bravo e lusido exercito as posições da direita. Osorio acampou num alto, dominando todos aquelles bellissimos arraiaes.

Antes de acamparmos, o meu batalhão guardeceu a bocaina, que ia ter ao Potreiro Pires e, estendido em ati-

radores na orla da matta, observava e vigiava o inimigo, que não appareceu depois.

A tarde, seguimos para o nosso posto, na extrema esquerda da vanguarda, onde a valente divisão *encouraçada*, deveria, quatro dias depois, cobrir-se de immorredoura gloria. O nosso commandante de brigada era o illustre coronel André Bello, que ás brilhantes qualidades de soldado reunia as de perfeito *gentleman*, e um caracter folgasão. Gostava muito de ouvir modinhas e fados ao violão e dava gargalhadas gostosas, quando o Macaco, fazendo carêtas, entoava o *Redondo*, e o Aguiar, chapado capadocio já maduro, meu patricio, com a sua vóz de barytono, cantava as livres estrophes do *Mestre-pintor*. Muitas vezes, nas noites de luar, antes do toque de silencio, (está bem visto) reuniam-se na porta da sua barraca, os rapazes e passavam alguns momentos alegres.

Havia, entre os nossos companheiros, um que fez toda a campanha na artilharia e deixou muitos amigos, pelos seus bons serviços e excellentes dotes d'alma: era um pouco surdo e por isso mesmo, talvez, não era excedido por ninguem numa palestra *apimentada*, nem ouvia com mais attenção as modinhas e os violões chorando — era o Costa.

Naquelle torvelinho da morte, aberto pela sangrenta guerra, onde os nossos valentes camaradas desappareciam aos milheiros, sumiu-se tambem o coronel André Bello, tragado no Tuyú, pelo cholera-morbus.

Desde o dia 20 de maio, acampavamos em Tuyuty, bem perto das linhas paraguayas, e todos sentiam a imminencia de um encontro entre os dois exercitos, com todas as forças reunidas. Si havia alguém nos batalhões da alliança que não o desejava ardentemente, guardava no fundo da sua alma os segredos, que tinha vergonha de revelar.

DIONYSIO CERQUEIRA.

Gabriel Trarieux, tratando do movimento dramatico, *recordou* o caso dos estudantes do Rio de Janeiro, num delirio de entusiasmo substituindo os cavallos da carruagem de Sarah Bernhardt. Caso, aliás, que Eça de Queiroz commentou nos seus *Bilhetes de Pariz*, publicados nas *paginas esquecidas* dos num. 19, 21 e 23 dos *Annaes*.

Damos a nota daquelle escriptor no original, tirado do ultimo numero da *Revue*:

« On a vu non sans plaisir, bien que sans vive émotion, *Pour la couronne*, de François Coppée, drame éloquent et suranné, au théâtre Sarah Bernhardt. Cela en attendant que l'enchanteresse ait fini de *charmer les BARBARES et de faire déteiler ses voitures par des étudiants en délire et des foules en pâmoison...* »

O ALMIRANTE (61)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPÍTULO XXI

Envolta nos effluvios daquelle olhar, Dolores passou rente de Oscar, afastou-se alguns passos e voltou hesitante, como si tentasse dizer-lhe alguma coisa olvidada; depois de rapida hesitação, approximou-se mais e, tomando-lhe as mãos, apertou-as num movimento nervoso, rapido, que ninguem percebeu. O formoso rosto sensual se contraíu sombrio, os olhos se apagaram, despedindo tenue clarão fulvo, em relampagos intermitentes, quasi velado sob as palpebras longas e pezadas; as nariñas dilatadas figuravam aspirar estranho perfume e os labios offegantes, entreabertos numa ancia de dizer coisas que não cabem na palavra humana, na imminencia de um grito, de um rugido suffocado no peito arquejante. A'quelle contacto, Oscar sentiu esboroar-se a coutraça de egoismo onde encerrára o seu coração, experimentou a indefinivel commoção de um homem chocado por um attricto electrico, privado de todas as energias, de todos os meios de inibição contra o amor, a se innocular violento, inexoravel como um toxico fulminante, excitando-lhe o sangue a galopar nas veias como um liquido inflammado.

Antes de se restaurar elle dessa commoção, ella se afastou deixando uma onda de emanações magicas que o inebriaram, e sumiu-se entre algumas pessôas amigas, sem lhes retribuir as saudações, as palavras galantes de sincera admiração. Com as temperas latejantes, a cabeça ôca, desamparada da razão, erma de senso moral, elle a seguiu, instinctivamente, guiado pelo capitoso perfume de féra ciosa. Pouco depois, se encontraram num recanto do terraço, immerso na sombra densa de frondosas magnolias em flôr.

— Dolores — murmurou elle, tremulo, submisso, como si obedecesse a um convite imperioso.

— Oscar — murmurou Dolores, num accêto de surpresa, recuando esparvorida.

— E' uma fatalidade — gemeu Oscar, roçando-lhe quasi a cabeça — E' uma fatalidade.

— Não, não! — exclamou ella, estendendo os braços numa attitude de defeza — Não posso, não posso mais...

Sacudida por um calafrio violento, eucolhida numa timidez de preza perseguida, indefeza, Dolores deixou-se envolver nos braços de Oscar, e os seus labios sequiosos se collaram num longo beijo, supremo hausto de volupia em que as duas almas se encon-

traram confundidas, num fugitivo momento de delirio.

Dolores se desvencillou desse amplexo fulminante e correu apavorada para o salão. No campo da porta illuminada, os olhos avidos de Oscar encontraram as manchas escuras dos oculos do doutor Adeodato, que procurava a mulher e aquelles discos negros como orbitas vazias de uma caveira, produziram no almirante uma intensa impressão de terror. No semblante emagrecido do calmo magistrado, se debucharam as curvas de um sorriso de compungida ironia, encobrando, talvez, a erupção de lavas do ciúme, suffocado pela contingencia habitual de se submeter á soberania despotica, á vontade absoluta, á iniciativa da esposa adorada, que corrigia as vantagens do natural acanhamento do marido, a sua timidez innata, obtendo em troca excessiva liberdade. Elle abdicára de seus direitos, da sua preponderancia no lar, como chefe de familia; não ouzava contrariar os multiplos caprichos de Dolores e deglutia as maguas do coração, cruciado de suspeitas, num silencio submisso.

Adeodato percebera, nesse encontro que elle considerava fortuito, a chama fulva que brilhava nos olhos de Oscar, semelhando carvões de desejos comburentes; mas attribuiu essa alteração da inquebrantavel placidez daquelle homem frio, invulneravel á commoção do accesso ao posto de almirante. Para elle, o eterno pretendente, afinal satisfeito, graças ao prestigio da mulher, nada havia que pudesse commover como uma promoção, occasionando essa deliciosa sensação de subir na consideração, na estima social e ver augmentados os proventos do cargo. Longos annos, elle consumira toda a sua paciencia nesse calvario da magistratura, em cujo cimo estava o termo do martyrio da mendicidade desilludida, onde elle contraíra esse habito da resignação incondicional.

— Renovo-lhe mens sinceros parabens, almirante — disse elle, estendendo a mão a Oscar — O senhor chegou cedo ao fastigio, graças ao seu reconhecido merito.

E sentindo a mão gelada que o outro lhe estendera hesitante, continuou, em tom de carinho:

— Está commovido, meu caro, tal qual como eu quando Dolores me communicou a feliz noticia da victoria de uma pretensão que vinha do Imperio; tinha cabellos brancos a minha idéa de me collocar na capital.

— Era victima de uma injustiça — murmurou Oscar, esmagado pela gentileza daquelle creatura acabrunhada á prolongada acção de um longo periodo de humilhações.

— Eu sei que o amigo e outros ho-

mens de valor reconheciam os meus apoucados merecimentos; mas eu não tinha padrinhos; não tinha um protector de prestigio que se empenhasse por mim. Deus permitta que a Republica remova para sempre as mesquinhas praxes do governo imperial e abra amplas portas ao verdadeiro merito.

— O Governo Provisorio reconheceu o seu, doutor.

— Não fôssem a dedicação, a intervenção energica da minha querida esposa, não teria eu coseguido ver realizadas as minhas velhas aspirações. Ah, meu caro almirante, não imagina de que é capaz a força de vontade de uma mulher, como a minha inestimavel Dolores!

— Dolores é um... anjo — confirmou Oscar, para dizer alguma coisa, tanto o vexava aquelle entretenimento torturante, demasiado prolongado.

O doutor Adeodato avistou Dolores e, murmurando algumas palavras de escusa, foi ter com ella e convidou-a, em vóz baixa, a deixarem o palacio. Tinha tanto trabalho, tantos autos a despachar; não podia perder a menor particula de tempo.

— Ah! vens tu — replicou ella, amuada e triste, falando a custo, fatigada — com as tuas incorrigiveis maneiras de desmanchar prazeres.

— Bem sabes que sou escravo dos meus deveres.

— E pretendes que me escravize tambem a elles?

— Eu não pretendo coisa alguma. Venho sómente lembrar-te que a hora váe avançada.

— Não ha horas quando estão em casa de uma amiga idolatrada, como a marquezia.

— Não reparaste na trovoada imminente?

— Que tem isso? Aqui estou como em nossa casa.

— Attende, minha querida..

— Si estás, como sempre, aborrecido, váe embóra. Eu não me opponho a isso.

— Deus me livre de semelhante inconveniencia. Que se diria si eu te abandonasse aqui? Não digo isso por desconfiar de ti, mas pelo que pódem inventar as más linguas. Para mim, isso nada teria de estranhavel: tu fazes o que te parece; tens completa independencia. De resto, vivemos tão separados...

O doutor Adeodato não disfarçou um suspiro.

— Olha! — exclamou Dolores. — Ah! vem a marquezia; vou denunciar-te.

— Por piedade, Dolores! — supplicou elle.

— Que é? — inquiriu a marquezia.

— O Dadá não perden o horrivel costume de se enciúmar quando esta-

mos em sociedade. E' incorrigivel. Agóra mesmo está me perseguindo para irmos embóra.

— Isso é impossivel — observou a marquezia.

— E' que, minha senhora, necessario de...

Adeodato não terminou a justificação.

— Váe se metter com os livros — interrompeu Dolores — com uns autos muito nojentos e eu que fique horas infinitas abandonada na solidão do meu quarto. Por causa desses aborrecimentos é que eu prefiro andar sózinha, como uma viuva, uma divorciada.

— O doutor é complacente — disse com ternura a marquezia — Dar-nos-á o prazer da sua companhia mais uma hora, até o chá.

Adeodato curvou-se num gesto submisso e Dolores lhe baten na face, meigamente, em signal de agradecimento. Essa pancadinha era o gesto favorito para desarmar as caturrices do marido.

— Nós — concluiu a marquezia — não podemos prescindir de Dolores, que é o genio alegre desta casa triste.

Adeodato procurou, resignado, o grupo em que Souza e Mello, o conselheiro e outros, discutiam casos interessantes, a controversia sobre o logar do supplicio de Tiradentes, assumpto que se tornára a idéa fixa do conselheiro e um pretexto para eruditas prelecções de historia que era o seu fraco.

Martins conversava placidamente com o Castrinho, o zangão que afortunados golpes de bolsa tinham posto em evidencia.

Oscar atravessou o salão como um deslumbrado, evitando a demasiada claridade das luzes e esgueirando-se em busca de um refugio, onde não sentisse os olhares de toda aquella gente, os quaes se figuraram fixados sobre elle, como si fôsem testemunhas do recente encontro com Dolores; elles deviam perceber no seu rosto algo de extraordinario, os vestigios do remorso, a sua alma criminosa estampada em turvo traço que lhe desvelavam os mais reconditos refolhos. Nos labios, tostados pelo beijo funesto, permanecia a incandescente impressão de outros labios polpudos, purpúrios e um delicioso sabor de fructo vedado, reventando num nectar suavissimo que libava lentamente. O rosto della, deformado na syncope de amor, os olhos, semi-cerrados numa languidez mortal, occupavam todo o campo da visão dos seus; a fragrancia encantadora daquella carne opulenta o entontecia: era uma allucinação empolgando-lhe o cerebro combalido; era a alliança íntima, indestructivel de duas creaturas confundidas num sêr unico em

completa solidariedade da materia e do espirito. Em vão, uns lampejos ephemeros lhe revelavam a monstruosidade daquelle movimento imperioso dos instinctos; em vão, se lhe antolhava a mulher captiva do compromisso legal, a mulher leviana, cuja desenvoltura, tanta vez, o chocára: o encanto triumphava, a obsessão o asediava em progressivo aperto, e via, num halo mystico, idealizada como a mulher presentida nos sonhos fugaces, Dolores desmaiada, tiritante de voluptia á constricção do seu amplexo apaixonado.

As palavras de d. Eugenia e de Marianinha que chamavam a attenção de Oscar para outras senhoras, se lhe figuravam, insinuações a Dolores que enchia o ambiente com a fascinação de uma belleza diabolica e lhe empolgára todos os sentidos.

— Que tem você Oscar? — inquiriu Marianinha — Parece que não gostou da promoção.

— Eu? — respondeu elle, como si despertasse — Foi uma surpresa.

— Muito bem encenada — Aparteou d. Eugenia — por Dolores com a cumplicidade do Wandenkolk. Dizem que são muito amigos, muito intimos.

Oscar estremeceu, arripiado de colera.

— Eu não me impressiono — tornou d. Eugenia — com o que se diz, neste meio de calumnia, de maledicencia, de bisbilhotice de que ninguem está preservado.

— A culpa de Dolores — accrescentou Marianinha — é ser alegre, franca, dizer o que pensa com o coração sempre nos labios e não fazer caso de certos costumes bisonhos. O maior peccado daquelle adoravel creatura é ser bonita, espirituosa e, por conseguinte, invejada. Não é esta a sua opinião, Oscar?

— Oh, sim, muito invejada — respondeu elle, automaticamente.

— Você — continuou a esposa de Martins — responde friamente, sem entusiasmo, como si fôsse insensivel ao prestigio de uma mulher formosa.

— Oscar é impenetravel — confirmou d. Eugenia — Ainda não nasceu aquella que lhe ha de acordar o coração. E' um candidato a solteirão... Mas, voltando á maledicencia, á bisbilhotice... Todos sabem que vivemos muito retirados da sociedade para evitarmos a notoriedade, para vivermos ignorados no nosso excellente cantinho, contando por uma duzia, si tanto, as familias de nossas relações. Pois bem, isso não impede que se contem phantasticas historias sobre a nossa vida interna. Ainda ha pouco, a senhora do Moreira perguntou-me quando cazava Amelia com o novo almirante. Respondi, está claro, que não

se cuidava disso, porque, justiça se faça, Oscar nada me deu a entender nesse sentido...

Houve uma pausa e d. Eugenia continuou:

— Si ha algum projecto de casamento entre elles, disse eu á Christina Moraes, não me foi ainda comunicado. E' verdade que os paes são sempre os ultimos a saberem — respondeu-me ella, maliciosamente.

Oscar ouvia attonito a estranha insinuação de d. Eugenia, a evocar a lembrança da rigida Amelia ausente, que naquelle momento lhe vinha em fóco ao espirito para soffrer uma desfavoravel comparação com Dolores.

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

ANTES, CEGO

Porque, divino Mestre,
com teu poder celeste
ao homem que cegára
de novo vêr fizeste?
Que lhe mostrava a terra
que a vista merecesse?
Maldades e perfidias
de sordido interesse!
Tua doutrina, cego,
ouvias e meditava;
sem cogitar no mundo
ao céu se remontava,
Um cão, umas creanças
lhe davam assistencia:
o cão, fidelidade;
creanças, innocencia!

De humana piedade
teu acto foi, Senhor;
mantel-o na cegueira
fôra de um Deus favor!

FRANCISCO OCTAVIANO.

O SALIA

Apertado entre ribas fragosas e escarpadas, sente-se mugir ao longe com incessante ruido. A espaços destorcendo-se em milhões de fios, despeinha-se das catadupas em fundos pégos, onde referve, espuma e, golfando em olheirões, atira-se, atropelando-se a si mesmo, pelo seu leito de rochas, até de novo tombar e despedaçar-se no proximo despenhadeiro. E' o Salia, que, de quéda em quéda, rompe dentre as montanhas e se encaminha para o mar cantabrico.

Perto ainda das suas fontes, o estio vê-o passar pobre e limpido, murmurando á sombra dos choupos e dos carvalhos, ora por meio das balsas e silvados, que se debruçam aqui e acolá sobre a sua corrente, ora por entre penedias calvas ou corregos estéreis, onde em vão tenta, estrepidando, re-

cordar-se de seu bramido de inverno. Mas, quando as aguas do céu começam, nos fins do outomno, a fustigar as faces pallidas do cabeça, a ossada nua das serras, e a unir-se em torren-tes pelas gargantas e valles, ou quando o sol vivo e o ar tépido de um dia formoso derretem as orlas da neve que pousa eterna nos picos inacessíveis das montanhas mais elevadas, o Salia precipita-se como uma bêsta fêra rai- vosa e paciente na sua soberba, arran- ca os penedos, allúe as raizes das ar- vores seculares, carrega as terras e rebrame com som medonho, até che- gar ás planicies, onde o sólo o não comprime e o deixa espraçar-se pelos paúes e juncaes, correndo ao mar, onde emfim repousa, como um homem completamente ébrio que adormece, depois do bracejar e lidar da embri- aguez.

ALEXANDRE HERCULANO.

* * *

O CONVERTIDO

Entre os filhos d'um seculo maldito
Tomei tambem logar na impia meza,
Onde, sob o folgar, geme a tristeza
D'uma ancia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito
Um rir feito de fel e de impureza...
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tedio e de quebranto,
Rompendo os diques ao represado pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,
E achei a paz na inercia e esquecimento...
Só me falta saber se Deus existe!

ANTHERO DE QUENTAL.

* * *

PARABOLA DA VIUVA

Estava um dia o Senhor sentado no templo, defronte do gazophylacio, que era uma caixa, onde se lançavam as esmolas para a fabrica do mesmo templo: vinham muitas pessoas ricas, e botavam quantidade grossas. Veio depois uma pobresinha viuva, e lançou dois ceitís de cobre. Julgou o Senhor que esta era opportuna occasião, para dar doutrina a seus discipulos. Con- vocou-os, e lhes disse:

— De verdade vos affirmo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros.

Não reparo agora em que o Senhor affirme, que mais eram aquelles dois ceitís, do que aquell'outras ofertas maiores; porque logo elle mesmo deu a razão disso, comparando o que ficava aos ricos, que era muito, com o que ficava áquella pobre, que era nada; e bem disse Santo Ambrosio, que mais valia um dinheiro tirado do pouco, do

que um thesouro tirado do maximo; porque se ha de fazer o computo, não pelo que se dá, sinão pelo que rema- nesce. No que reparo, é que o Senhor convocasse a seus discipulos, para que nisso mesmo reparassem e levassem doutrina! Esteve bem feito; porque certamente tinha muito que ver uma pobresinha dar tudo o que tinha, só por dar alguma coisa; ficar sem sus- tento, só por não ficar sem caridade. E é bem que se saiba, e se divulgue esta doutrina, tão mal acceita do mundo: *Que os pobres tambem hão de dar conforme podem.*

Ouçam, pois, e vejam isto os disci- pulos do Senhor, porque hão de ser mestres do mundo, extirpadores de dictames falsos, e semeadores dos bons costumes!

PADRE MANOEL BERNARDES

* * *

A HERA E O ROSMANINHO

A hera e o rosmanninho
Cresciam num jardim;
E ao rosmanninho a hera
Fallou um dia assim:

— « Comtigo a natureza
Madrasta se mostrou,
Pois para andar co'a terra
Cosido te creou.

Commigo mais propicia,
Den-me subir ao ar,
Para á voutade os ramos
Por elle derramar.

Não vês como estou alta?
Que vasta sombra espalho!
Como do vento ao sopro
Resisto sem trabalho! » —

— « Vejo (responde o outro)
Tudo, que dizes, vejo;
Porém, do meu contente,
Teu fado não invejo.

Tu sóbes muito, é certo,
Mas com auxilio alheio,
Porque esse ulmeiro achaste,
Que te servio de esteio.

Sem elle, coitadinha,
Serpeando pelo chão,
Pisada, em pó envolta,
Mettêras compaixão...

Eu pouco subo e cresço,
Mas é com o meu vigor,
Nem para sustentar-me
Preciso protector. » —

Do rosmanninho approvo
O nobre parecer:
Antes ser pobre e livre,
Que rico e escravo ser.

J. M. DA COSTA E SILVA.

(1788-1854)

UM PARECER SOBRE UMA OBRA DE HISTORIA DE FREI LUIZ DE SOUZA

E' admiravel o juizo, discreção, eloquencia do auctor, porque, fallando em materias domesticas e familiares, todas refere com termos tão iguaes e decentes que nem nas mais avultadas se remonta nem nas miudas se abate; dizendo o commum com singulari- dade e o semelhante sem repetição, o sabido e vulgar com novidade, e mos- trando as coisas (como faz a luz) cada uma como é, todas com lustre. A lin- guagem, tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros, os quaes só mendigam d'outras lin- guas os que são pobres de cabedades da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.

Sendo tanto mais de louvar esta pureza do auctor quanto a sua lição, nos diversos idiomas e as suas largas peregrinações, em ambos os mundos, o não puderam apartar das fontes natu- rales da lingua materna, como acon- tece aos rios, que vêm de longe, que sempre tomam a côr e o sabor das terras por onde passam. A propri- edade, com que falla em todas as ma- terias, é como de quem as aprendeu na escola dos olhos. Nas do mar e na- vegação, falla como quem as passou muitas vezes; nas da guerra, como quem exercitou as armas; nas da côrte e paço, como cortezão e desenganado; e nas da perfeição e virtudes religi- osas, como religioso perfeito. Por isso foi escolhido, entre tantos sujeitos eminentes nas outras letras, com alto conselho, um tal chronista, enten- dendo-se que a arte de fallar com pro- priedade, em tudo o que abraça uma historia, não se estuda nas academias das sciencias, senão na universidade do mundo. O grande conhecimento, que fr. Luiz de Souza teve no mesmo mundo, se mostra bem em o haver finalmente deixado, e este é o docu- mento geral que se lê em toda sua historia, tão digno de ser imitado dos que nasceram e se crearam com seme- lhantes obrigações, quanto é certo que assim nos primeiros estudos, como nas ultimas resoluções, terá poucos imitadores.

Servirá, porém, este exemplar para confusão dos que o lêrem. E como elle escreveu na primeira, na segunda e terceira parte desta historia as acções de tão heroicos sujeitos, assim será um dos mais excellentes que andarão escriptos na quarta. Este é o meu pa- recer.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

SUDORIFERO INFALLIVEL

No meu tempo, em Coimbra, para medico,
 Estudava um rapaz,
 Moço bem comportado, nada cábula,
 E bastante sagaz.
 Num acto perguntou-lhe um cathedratico,
 Que espreme-lo mais quiz:
 « Se em tal doença... (e deu-lhe um nome
 [hellenico])
 Dos que a gente maldiz)
 Quizesse ao seu doente, em abundancia
 « Promover-lhe snor,
 « Que remedio empregava então, solícito?
 « Diga, faça favor ».
 Corre o estudante a escala aos sudoriferos,
 Apontando um a um,
 E a todos diz-lhe o lente, com tom rispido,
 Sem lhe agradar nenhum:
 « Mas se inda não snasse? » — Volve ironico
 O rapaz singular:
 « Mando-o aqui fazer acto, pois de marmore
 Que seja, ha-de snar.»

JOÃO DE LEMOS.

* *

É O CORAÇÃO DO HOMEM COMO A
MENINA DO OLHO, QUE TUDO LHE
CABE E NADA O SATISFAZ

Esta é pois a semelhança que tem o coração do homem com a menina do olho; porque assim como a menina do olho, sendo na quantidade tão pequena, é na capacidade tão grande, que a não farta todo o mundo, assim o coração do homem, sendo na quantidade tão pequeno, é na capacidade tão grande, que o não satisfazem todas as coisas delle.

Herda um homem de seus paes um morgado, e uma casa muito grande, e muito antiga; cabem-lhe no coração mas não o satisfazem. Accresce-lhe por outra linha outro morgado, e outra casa maior; caem-lhe no coração, mas não o satisfazem. Com o augmento das rendas fundam-se novos e soberbos edificios para habitação, com frescos jardins para o regalo; crescem os faustos nos coches, nas liteiras, nas tapeçarias e nos criados; multiplicam-se as delicias nas galas mais vistosas, nas iguarias mais diversas e mais saborosas, nos cheiros mais puros, nas musicas mais suaves, e nos instrumentos mais bem accordados: tudo isto cabe no coração do homem, mas não o satisfaz. Dão-lhe um titulo muito honrado, e muito entendido em terras e em jurisdição, e ainda cabe no coração do homem, mas não o satisfaz; dão-lhe outro titulo maior e o melhor que se póde dar; ainda lhe cabe no coração, mas ainda o não satisfaz.

Valha-me Deus! nada satisfaz este coração? Não; que nada o póde satisfazer.

E' o coração do homem como a menina do olho, que tudo lhe cabe e nada o satisfaz.

PADRE BARTHOLOMEU DO QUENTAL.

ACADEMIA BRAZILEIRA

Era nosso sincero proposito não alludirmos mais, de modo algum, ao resultado da ultima eleição na Academia Brasileira. Assim, não continuámos a transcrever da imprensa dos Estados as copiosas referencias que se fizeram ao voto da illustre companhia — sobretudo porque, não nos tendo ficado a menor animosidade contra ella, nos pareceu desagradavel insistir a esse respeito, sem embargo dos nossos agradecimentos ás homenagens feitas ao sr. Domingos Olympio.

Não podemos, porém, por simples, agradeçda delicadeza, deixar de publicar as duas cartas que se seguem, a primeira das quaes do velho e illustre professor que veio do retiro em que hoje se acha para ser amavel com o chefe desta casa.

WALFRIDO—Causou pasmo á quasi totalidade dos intellectuaes, e aos que acompanham, com interesse e desvelo, a faina dos luctadores da imprensa, a solução inesperada, e jámais prevista, do ultimo julgamento da Academia de Lettras para preenchimento da vaga de José do Patrocinio. Elle irá repercutindo nos centros cultos de todo o paiz, como aberração flagrante da justiça e da reflexão, que devem ser o lemma das collectividades, e póde se affirmar que não escolheram o mais digno. E' como si preferissem um satellite a um astro de primeira grandeza, ou um aprendiz de esgrima a um athleta consummado, que cunhece perfeitamente todas as evoluções e manobras em seus menores detalhes.

E quem é que neste meio sobrepuja, no primor do estylo, colorido da phrase, naturalidade e energia dos traços, o festejado escriptor da *Luzia-Homem*, esse typo de notavel perfeição, que se sente palpitar, agitar-se nas paginas do livro, e cujos movimentos, contracção dos musculos, expressão do olhar cream a illusão de nos suppormos em frente de um sér animado e palpavel, de uma mulher de carne e osso?

E essas figuras, que véem emergindo da téla sob a evocação do adestrado pincel do creador do *Almirante*, não collocam em plena evidencia o fino e primoroso estheta que é o regeitado da Academia de Lettras?

O doutor Domingos Olympio paira na culminancia dos mestres, e sabe tecer em filigranas os periodos leves, as phrases concisas e expressivas, de uma tonalidade encantadora, que lhe traduzem o pensamento. As suas admiraveis chronicas politicas, cuja critica, ás vezes mordaz e oppressiva, é manejada com a sagacidade de um espirito superiormente educado, dão ao consagrado *Pojucan* um logar de honra na galeria dos nossos mais illustres homens de lettras.

E por tudo isso, o publico considerou uma grande injustiça, uma conspiração de effeitos desastrosos para os *immortaes*, o acto da Academia de Lettras collocando em plano inferior o doutor Domingos Olympio, que seria uma gloria para qualquer aggremação de intellectuaes. — EMILIANO PESSÔA.

* *

« AO ILLUSTRADO MESTRE DR. DOMINGOS OLYMPIO. — Eu sou um humillimo admirador da superioridade do vosso talento; eis porque me não é possivel conter a minha indignação deante da clamorosa injustiça com que a Academia Brasileira acaba de vos ferir miseravelmente, e vos dirijo esta carta, que é um sincero protesto ao favoritismo que, para maior deshonra nossa, conseguiu transpor os humbraes daquela sociedade.

Da leitura de *Luzia-Homem* guardo ainda a mais suave impressão e, para mim, quer no romance, quer na chronica, tendes o magico poder de empolgar os iniciados na arte litteraria.

Assim, a vossa derrota afigurou-se ao meu espirito um documento flagrante da crise de caracter que infelizmente domina este querido Brazil.

Apresento-vos os sentimentos de minha inteira solidariedade e subscrevo as palavras de Heitor Lima, publicadas em o numero 56 dos primorosos *Annaes*: «Domingos Olympio não teve maioria de votos na Academia dos Immortaes; mas conta com a unanimidade delles no paiz, que o admira e o consagra e o immortaliza.»

Sou com estima vosso patricio e assiduo leitor — GETULIO AMARAL — Director da "Revista Pernambucana"

Atemorisados com a recrudescencia dos accidentes ocasionados pela circulação de carros automoveis, o ministro do interior e o dos trabalhos publicos da França instituiram uma commissão encarregada de modificar os regulamentos actualmente em vigor, tanto no ponto de vista das responsabilidades, como das condições de rapidez dos vehiculos nas estradas e nos caminhos mais frequentados. A commissão terá egualmente que impor aos carros uma numeração que não póde ser modificada, ainda mesmo nas corridas, o que o emprego de placas moveis permite fazer actualmente. Pensam tambem os membros da commissão em tornar obrigatorio o uso do indicador da presteza, que, por meio de placas de diversas côres, torna apparente a todos a marcha dos carros durante as viagens, facilitando, assim, a verificação do excesso da rapidez.

XADREZ

TORNEIO DE S. PAULO

Jogou-se a 1ª parte da 2ª classe deste torneio com o seguinte resultado:

Dr. Isaac Mesquita.....	3 pontos
Dr. Theodomiro Cintra.....	3 »
Dr. J. E. Macedo Soares.....	2 »
Luiz Fonseca.....	1 »
Victor Dreyer.....	1 »

São as unicas informações que até agora podemos obter.

O torneio do campeonato será jogado este mez e tomarão parte nelle os seguintes eixadristas: prof. Paulo Tagliaferro, dr. Mauricio Levy, dr. Souza Campos Junior e dr. Francisco de Godoy, que são os mais fortes jogadores de S. Paulo. Souza Campos já obteve um 2º premio em um torneio no Club dos Diarios desta Capital.

Para se julgar do movimento eixadrista em S. Paulo, basta assignalar que, além destes amadores e dos da 2ª classe, cujos nomes damos acima, ainda ha tres outras classes respectivamente com 12, 8 e 5 jogadores.

**

MORAL DO XADREZ

De Benjamin Franklin

Encetamos hoje a publicação da *Moral do xadrez*, de Benjamin Franklin, traduzido do inglez pelo dr. Mauricio Levy e divulgada pelo Club de Xadrez de S. Paulo:

De todos os jogos é o xadrez o mais antigo e conhecido. Sua origem é anterior ás noções historicas, e por muitos seculos tem sido o divertimento de todos os povos civilizados da Asia: — persas, indios e chinezes.

A Europa conhece-o ha mais de mil annos; os hespanhóes levaram-no para suas possessões da America, e os Estados-Unidos começam a cultivar-o de algum tempo.

Este jogo é tão interessante em si mesmo que não é necessario intuito lucrativo para estudar-o; e, por isso, raramente se joga a dinheiro.

Os que tem, para distracções, o tempo necessario, nenhuma poderão escolher mais innocente.

O seguinte capitulo, escripto com o fim de corrigir, entre alguns rapazes amigos, defeitos que se verificam na pratica do jogo, prova, ao mesmo tempo, que, pelos effeitos sobre o espirito, póde ser o xadrez não só innocente, siuão tambem vantajoso, tanto ao vencedor como ao vencido.

O jogo do xadrez não é um frivolo passatempo. Praticando-o, podem-se adquirir e fortificar diversas qualidades da alma, nteis no curso da vida, assim como contraír certos habitos, altamente proveitosos em determinadas occasiões.

A vida é uma como partida de xadrez, na qual temos muitas vezes pontos que ganhar, competidores ou adversarios com quem combater; em que se nos deparam successos bons e máus, oriundos, em parte, da prudencia ou da precipitação.

Jogando ao xadrez aprendemos:

1º *A Previsão*, que olha para o futuro e considera as consequencias de um acto; pois occorre continuamente ao jogador:

Si novo esta peça, que vantagem obterei com a nova posição? Poderá o adversa-

rio aproveitar-se dessa manobra, voltando-a contra mim? De que peça poderei valer-me, para defender a primeira, e preservar o meu jogo dos ataques intentados pelo contrario?»

2º *A circumspecção*, que abrange todo o taboleiro, ou theatro da acção; que examina a relação das diversas peças entre si; sua posição; o perigo a que se acham expostas; a possibilidade de prestar-se mutuo auxilio; a probabilidade de tal ou qual movimento do adversario, e de atacar esta ou aquella peça; e os diversos meios que temos, afim de evitar os golpes contrarios, ou voltar-os contra o atacante.

3º *A cautela*, ou prudencia contra todo lance precipitado. Adquire-se melhor esta qualidade observando estrictamente as leis do jogo. Si, por exemplo, tocades uma peça, deveis jogal-a, e si a puzerdes em algum lugar, ahi deverá ficar. E' melhor, portanto, que estas regras sejam observadas, por isso que o jogo se torna ainda mais a imagem da vida humana, e, particularmente, da guerra, na qual si, imprudentemente, vos collocades em posição perigosa e arriscada, não podereis esperar que o inimigo vos deixe retirar vossas tropas, para que a colloqueis em sitio mais seguro, sujeitando-vos, por isso, a todas as consequencias de vossa temeridade.

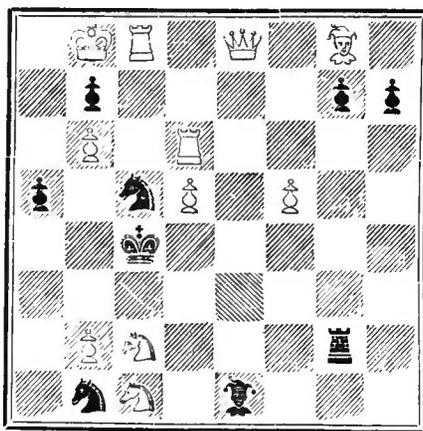
Finalmente, pelo jogo do xadrez, aprendemos a não desanimar do máu aspecto que algumas vezes apresentam os nossos negocios; habituamo-nos a esperar sempre alguma favoravel mudança, e a perseverar na procura de meios efficazes que a produzam.

(Continua)

PROBLEMA N. 29

Max Feigl

PRETAS (9)



BRANCAS (11)

Mate em dois lances

**

PARTIDA N. 30 (a)

GIUOCO PIANISSIMO

Branças (Stanisláo Sittenfeld) Pretas (Caldas Vianna)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 3 B	— 4 —	C 3 B R
P 3 D	— 5 —	P 3 D
B 3 R	— 6 —	B 3 C
C D 2 D	— 7 —	P 4 D
P X P	— 8 —	C X P

B 5 C R	— 9 —	P 3 B R
B 4 T R	— 10 —	C 5 B R! (b)
Roque	— 11 —	C X P D
D 3 C	— 12 —	C 4 B D!
D 2 B (c)	— 13 —	B 3 R
P 4 C D	— 14 —	B X B
C X B	— 15 —	D 6 D (d)
D X D	— 16 —	C X D
B 3 C	— 17 —	Roque R
P 4 T D	— 18 —	P 4 T D
T R 1 D	— 19 —	P 5 R
P 5 C	— 20 —	C 2 R
C R 2 D	— 21 —	P 4 B R
C X B	— 22 —	P X C
B 6 D	— 23 —	T R 1 R
C 4 B D	— 24 —	C 4 D
B 3 T	— 25 —	C X P B D
C X P C	— 26 —	C X T
C X T	— 27 —	C (8 D) X P
C 7 B	— 28 —	T 1 B D
C 5 D	— 29 —	T 5 B
C 7 R x	— 30 —	R 2 B
C X P	— 31 —	T X P
C 3 R	— 32 —	P 4 T R (c)
P 3 T R	— 33 —	P 4 C R
C 2 B D	— 34 —	P 5 C R
T 1 B R	— 35 —	P 6 R
C X P (f)	— 36 —	T X B
P X P	— 37 —	P X P
C X P	— 38 —	T 7 T
P 6 C (g)	— 39 —	R 3 R
C X C	— 40 —	C X C
T 1 B D	— 41 —	C 5 C
P 3 C	— 42 —	T 7 C D
T 5 B	— 43 —	T X P
T X P	— 44 —	T 7 C
T 4 T	— 45 —	R 4 B
T 4 B R x	— 46 —	R 4 C
T 8 B R	— 47 —	C 4 R
R 1 B	— 48 —	R 5 C
T 8 C x	— 49 —	R 6 B
R 1 R	— 50 —	C 5 C
R 1 D	— 51 —	R X P
R 1 B	— 52 —	T 3 C
R 2 B	— 53 —	R 5 B
R 3 B	— 54 —	C 4 R
T 8 D	— 55 —	T 3 B x
R 4 D	— 56 —	T 5 B x
R 5 D	— 57 —	T 5 D x
R X T	— 58 —	C 3 B x
R 5 B	— 59 —	C X T
R 6 C	— 60 —	R 4 R (h)
Abandonam	— 61 —	

(a) Esta bellissima partida foi jogada, em agosto de 1897 nesta Capital, entre o grande mestre Sittenfeld e o nosso campeão.

(b) Este lance faz logo gaulhar um pião.

(c) Si 13 — B 7 B x, R 1 B; 14 — D 5 D, D 2 R; 15 — B 5 T, B 3 R, ganhando a Dama; si 14 — D 4 B D, C 4 T; 15 — D 5 D, D 2 R com o mesmo resultado.

(d) Tendo um pião a mais, as Brancas forçam a troca das Damas.

(e) Iniciando um vigoroso ataque do lado do Rei.

(f) Forçado, e por imaguiarem, talvez, que recobriam a peça.

(g) Parece que era o momento de recuperarem as Pretas e peça; mas, de facto, não o podem. Si 39 — C X C, C X C; 40 — T X C, T X T; 41 — R X T, mas o pião da Torre váe a Dama.

(h) Este final é jogado magistralmente.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 28. — (Tacito & Lipman): T 6 B R.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos "Annaes", dispondo de um material completamente novo, encarregam-se da impressão de todo e qualquer trabalho typographico.